

JOSTEIN GAARDER

O ENIGMA e o espelho





O ENIGMA E O ESPELHO

Jostein Gaarder

Tradução de Maria Luísa Ringstad

EDITORIAL PRESENÇA

“A alegria é como uma borboleta que esvoaça baixinho sobre os campos, mas a dor é como um pássaro de grandes asas negras e robustas que nos transporta acima da vida que existe lá embaixo ao sol por entre a verdura. E esse pássaro voa alto, até onde os anjos da dor estão de vigília sobre o leito da morte.”

EDITH SODERGRAN, 16 anos

A porta do quarto tinha ficado aberta. Os cheiros a Natal que emanavam do andar de baixo, chegavam até Cecille. Ela tentou distinguir um aroma do outro.

Um era sem dúvida o chucrute e o outro deveria ser o incenso que o pai tinha posto na lareira, antes de irem para a igreja. E o que ela sentia agora, não seria o fresco aroma da árvore de Natal?

Cecille voltou a reter a respiração. Ela imaginou poder cheirar os presentes que estavam junto à árvore de Natal, o papel brilhante, vermelho e dourado, com cartões e laços de seda. No ar, pairava ainda um outro cheiro encantador e mágico: era a própria atmosfera natalícia.

Ao mesmo tempo que ela sentia aquelas fragrâncias, tateava as janelas do calendário do Advento. As vinte e quatro janelas estavam abertas. A maior fora aberta hoje. Ela voltou a fixar o seu olhar no anjo debruçado sobre a manjedoura do Menino Jesus. Maria e José estavam ao fundo e pareciam não notar a presença do anjo.

Será que eles não o viam no estábulo?

Cecille olhou em volta. Ela dirigira tantas vezes os olhos para o candeeiro vermelho no teto, para as cortinas brancas com miosótis azuis e para as estantes com livros, bonecas, cristais e pedras decorativas, que tudo aquilo se tornara uma parte de si mesma. Sobre a escrivaninha em frente à janela, ao lado da velha Bíblia infantil e do livro de mitologia de Snorre, estava o guia turístico de Creta. Na parede contígua ao quarto de dormir dos pais, havia um calendário grego com uns gatos adoráveis. Nesse mesmo canto estava pendurado o velho colar de pérolas que a avó lhe dera.

Quantas vezes já não teria contado as argolas da trave das cortinas? Porque é que um lado teria treze argolas e o outro catorze? Quantas vezes já não teria contado os números da revista Ciência Ilustrada empilhados por baixo da escrivaninha? Mas acabara desistindo. Desistira também de contar as flores das cortinas. Um ou outro miosótis escondia-se sempre numa prega.

O diário chinês estava por baixo da cama. Cecille tocou-o com a mão... claro, a caneta de feltro também estava lá.

Este diário era um livrinho de anotações com capa de tecido que um médico lhe dera no hospital. Os fios de seda, em preto, verde e vermelho, brilhavam contra a luz.

Ela não tinha disposição para escrever no diário, nem tampouco havia muito que escrever, no entanto, tinha decidido que, enquanto permanecesse de cama, havia de registrar os seus pensamentos. E prometera que nunca eliminaria aquilo que anotara, cada palavra ficaria registrada até o Dia Final. Que estranho seria ler aquilo quando fosse crescida. Na primeira folha, ela escrevera: NOTAS PESSOAIS DE CECILLE SKOTBU.

E voltou a deitar-se sem forças sobre a almofada, tentando escutar o que se passava lá embaixo. De vez em quando, ouvia a mãe mexer nos talheres; a não ser isso, a casa estava mergulhada em silêncio absoluto...

Os outros chegariam da igreja a qualquer momento. O Natal soaria a cada instante. Quando não ouviam os sinos da igreja de Skotbu, eles subiam as escadas para ouvi-los melhor.

Mas este ano Cecille não conseguia ouvir os sons do Natal a subir pelas escadas. Ela estava doente, não apenas ligeiramente doente, como acontecera em Outubro e Novembro. Agora ela estava tão debilitada, que o Natal era como uma mão cheia de areia que lhe escapava por entre os dedos, enquanto dormia ou cochilava. Mas, ao menos, escapou ao internamento no hospital, que estava decorado com motivos de Natal desde o início de Dezembro.

Ainda bem que já tinha vivido outros Natais. Cecille achava que o Natal era a única coisa que se mantinha inalterável em Skotbu. Durante vários dias, as pessoas faziam o mesmo que haviam feito, ano após ano, sem pensar por que o faziam. Costumavam dizer: “É a tradição.” E bastava.

Nos últimos dias, ela tentara acompanhar o que se passava no andar de baixo. Os ruídos provenientes da cozinha e da montagem das decorações subiam até o andar de cima, como pequenas bolhas de som. Cecille imaginou que o andar de baixo era a Terra e que ela se encontrava no Céu.

Ontem à noite trouxeram a árvore de Natal para casa e o pai esteve a decorá-la depois de Lasse ter ido para a cama. Cecille ainda não a vira. Ela não vira a árvore de Natal!

Ainda bem que tinha um irmãozinho conversador. Ele comentava tudo aquilo que os outros se limitavam a ver ou a pensar. É evidente que ele bisbilhotara os preparativos e decorações de Natal e fora o informante secreto de Cecille sobre o que se passava no mundo subterrâneo.

Em cima da mesa-de-cabeceira estava uma campainha que ela tocava quando tinha de ir ao banheiro ou precisava de algo. Lasse prontificava-se quase sempre. Uma vez ou outra, ela tocara a campainha para que ele contasse como tinham preparado ou decorado os bolos.

O pai prometera que levaria Cecille no colo, para a sala, quando abrissem os presentes. Ela queria uns esquis novos. Os velhos já estavam muito pequenos. A mãe sugeriu que o equipamento de esqui fosse comprado quando Cecille se recuperasse, mas ela protestou. Ela queria uns esquis para o Natal e ponto final!

— Não me parece que consiga esquiar este ano, Cecille.

Ela arremessou uma jarra de flores ao chão.

— Sem esquis é que não posso esquiar.

A mãe, impávida, foi buscar uma vassoura e uma pá sem dizer uma palavra. Isso é que foi o pior. Depois, enquanto apanhava as flores e os estilhaços da jarra, disse:

— Pensei que preferisse uma coisa engraçada com que brincar na cama.

Cecille sentiu a cabeça latejar. “Com que brincar na cama!” E voltou a empurrar um prato e um copo de suco para o chão. Mas nem mesmo desta vez a mãe se zangou. Ela nada mais fez senão varrer e apanhar com a pá, apanhar com a pá e varrer.

Para se assegurar, Cecille acrescentou que queria também uns patins e um trenó...

Desde o princípio de Dezembro que fazia um frio de rachar lá fora. Uma vez ou outra, Cecille saía da cama, arrastando-se até à janela. A neve estendia-se pela paisagem gelada como um edredom fofinho. O pai pôs as luzes de Natal no pinheiro alto do jardim em honra dela. Antes costumava colocá-las no pinheirinho diante da entrada. Por entre os ramos do pinheiro grande, ela avistava Ravnekollen à distância.

A natureza jamais apresentara contornos tão nítidos como nestes dias que antecederam o Natal. Um dia, Cecille viu o carteiro chegar de bicicleta, apesar de fazer uns dez graus negativos e a estrada estar coberta de neve. Ela sorriu primeiro. Bateu depois no vidro e acenou-lhe. A bicicleta virou-se na neve solta, quando ele olhou para cima e acenou com ambos os braços. Quando o carteiro desapareceu atrás do celeiro, ela voltou para a cama e chorou. Era como se a vida fosse um carteiro de bicicleta sobre um piso gelado.

Uma outra vez, quando estava à janela, os olhos encheram-se de lágrimas. Ela sentia uma enorme vontade de viver as fantasias de inverno. Diante do celeiro dois piscos saltitavam alegremente de um lado para outro. Cecille começou a rir. Como ela gostaria de ser um pisco! Sentiu uma

lágrima no canto do olho e limpou-a com o dedo, desenhando um anjo no vidro da janela. Ao perceber que desenhara um anjo com as suas próprias lágrimas, riu-se mais uma vez. Qual era a diferença entre lágrimas de anjo e anjos de lágrimas.

Depois cochilou provavelmente durante algum tempo, porque acordou em sobressalto quando a porta da entrada se abriu.

Voltaram da igreja! Cecille ouviu-os a sacudir a neve dos sapatos. E não estaria também a ouvir os sinos?

— Feliz Natal, mamãe!

— Feliz Natal, meu filho.

— Feliz Natal também para ti, Tone.

O avô pigarreou:

— Cheira a Natal.

— Ajude o vovô a tirar o casaco, Lasse.

Cecille imaginou estar vendo a todos. A avó sorria e distribuía abraços à todos, a mãe tirava o avental vermelho enquanto abraçava a avó, o pai acariciava a cabeça de Lasse, o avô acendia um charuto...

Nos últimos tempos, Cecille tornara-se perita em visualizar com os ouvidos.

Mas, de repente, o ambiente alegre do andar de baixo deu lugar a um leve murmúrio. E logo a seguir o pai subiu as escadas em quatro ou cinco passadas.

— Feliz Natal, Cecille!

Aproximou-se dela e abraçou-a. Depois afastou-a e abriu a janela de par em par.

— Está ouvindo?

Ela levantou a cabeça da almofada e disse que sim:

— São cinco horas.

O pai voltou a fechar a janela e sentou-se na beira da cama.

— Vou ter uns esquis novos?

Cecille fez a pergunta como se esperasse por uma resposta negativa. Este seria um pretexto para se zangar, o que seria preferível a sentir-se triste.

O pai pôs-lhe um dedo sobre os lábios.

— Não será tratada de forma especial, Cecille. Vai saber na hora certa.

— Claro que vou.

— Tem certeza de que não quer ficar no sofá durante o jantar?

Ela disse que não com a cabeça. Já tinham combinado isso nos últimos dias. Seria melhor que ela estivesse sossegada durante a distribuição dos presentes. De qualquer maneira, não lhe apetecia a comida de Natal. Se a comesse poderia vomitar.

— Mas as portas ficam abertas.

— Com certeza!

— Falem alto... e façam muito barulho à mesa.

— Era só o que faltava!

— E quando a oração de Natal acabar, a vovó vem aqui em cima ler para mim.

— Sim, isso já está combinado.

E Cecille deixou-se cair sobre o almofadão.

— Pode me dar o walkman?

O pai entregou-lhe o cassete e o tocador de cassetes que estavam na estante.

— O resto eu faço.

O pai deu-lhe um beijo na testa.

— Eu preferia ficar contigo — murmurou ele. — Mas, como sabe, também devemos pensar nos outros. Mas ficarei junto de ti nos outros dias do feriado de Natal.

— Eu disse que festejassem o Natal como de costume.

— Sim, como de costume.

Ele saiu pé ante pé.

Cecille introduziu um cassete com música de Natal no walkman, absorveu prontamente o espírito natalício daquela música, retirou os fones... e já estavam todos à mesa. A oração foi dita pela mãe e, no fim, cantaram uma canção de Natal.

Então a avó subiu as escadas. Cecille planejara tudo.

— Estou chegando, Cecille!

— Fale baixinho! Só vais ler...

A avó sentou-se na cadeira, diante da cama, e leu:

— “Naquele tempo, o imperador Augusto ordenara que fosse efetuado o recenseamento de toda a população.”

Ao levantar o olhar da Bíblia, ela reparou que Cecille tinha lágrimas nos olhos.

— Está chorando?

Ela assentiu.

— Mas nem sequer é triste...

Cecille acenou novamente com a cabeça.

— “E, numa manjedoura, encontrareis um Menino, envolto num manto.”

— É por ser tão bonito.

Pela terceira vez, Cecille abanou a cabeça afirmativamente.

— Choramos por coisas tristes — disse a avó passados uns instantes. — E deixamos também cair uma lágrima se uma coisa é bela.

— E não rimos quando uma coisa é feia.

A avó teve de refletir.

— Rimos dos palhaços, porque são cômicos. E, na verdade, porque também são feios... Olha para mim!

Ela torceu o rosto numa horrível careta e Cecille desandou a rir.

A avó continuou:

— É provável que a beleza nos entristeça, porque sabemos que é efêmera. E rimos com uma coisa feia, porque sabemos que é apenas para ter graça.

Cecille olhou para a avó. Ela era a pessoa mais sábia do mundo.

— Vai lá para baixo para junto dos outros palhaços — disse Cecille.

A avó endireitou a almofada e acariciou-lhe a face.

— Daqui a pouco vou ficar muito contente, quando vier ficar conosco. Agora vamos jantar...

Logo que a avó chegou às escadas, Cecille procurou, às apalpadelas, a caneta de feltro e o livro de notas. Os seus primeiros apontamentos foram:

“Já não me encontro numa praia desconhecida do mar Egeu. Mas as ondas continuam a bater contra a praia e os calhaus deslizam para a frente e

para trás, mudando eternamente de lugar”.

Ela releu tudo o que escrevera até agora e continuou:

“Choramos por coisas tristes. E deixamos também cair uma lágrima se uma coisa é bela. Rimos com algo engraçado ou feio. É provável que a beleza nos entristeça porque sabemos que é efêmera. E rimos com uma coisa feia porque sabemos que é apenas para ter graça. Os palhaços são engraçados devido à sua fealdade. Ao tirarem a máscara diante do espelho, tornam-se muito belos. Por isso mesmo é que os palhaços parecem tão tristes e infelizes sempre que entram na sua caravana, fechando a porta com ímpeto atrás de si.

Cecille voltou a cochilar e só despertou quando o pai veio buscá-la.

— Distribuição de presentes. — Anunciou ele.

Ele deslizou as mãos sob o corpo de Cecille e levantou-a com o edredom vermelho. A almofada ficou na cama e o cabelo louro, que entretanto crescera, pendia.

O avô e Lasse estavam no final das escadas.

— Parece um anjo — comentou o avô. — O edredom parece uma nuvem de rosas.

— Como um anjo caído das nuvens — disse Lasse.

No meio das escadas, virou a cabeça e olhou para eles também.

— Tolices! — protestou. — Os anjos andam sobre as nuvens. Não andam por baixo delas.

O avô sorriu satisfeito e expeliu uma baforada de fumaça do charuto que ficou a pairar na sala.

O pai deitou Cecille no divã vermelho, aconchegando-a com almofadas para que ela pudesse ver a árvore de Natal. Ela ergueu o olhar:

— Não é a mesma estrela do ano passado.

Então a mãe apressou-se a explicar, como se o fato de tudo não estar como no ano anterior a incomodasse.

— Não. Sabes porquê? Não a encontramos. Por isso o pai comprou uma nova.

— Que esquisito...

Cecille olhou em volta e os outros registraram aquele movimento. Observaram Cecille e acompanharam o trajeto do seu olhar.

Nenhum lado da árvore estava às escuras. Cecille contou vinte e sete velas, o mesmo número das argolas da trave das cortinas. Que coincidência!

Os presentes estavam sob a árvore. O que era diferente do ano anterior, é que o avô desta vez não era o Papai Noel. E a decisão partira de Cecille:

— Já não tenho paciência para essa tolice de Papai Noel!

A mesa estava posta com pratos, xícaras de café, pratos de bolos e figuras coloridas de marzipan caseiro.

— Quer alguma coisa?

— Talvez um pouquinho de suco de limão. E um bolo folhado sem gengibre.

Estavam todos em volta dela. Lasse deixou-se ficar atrás. Ele parecia achar um tanto estranho que Cecille tivesse descido para ver a entrega dos presentes. Pelo menos, tudo se tornava muito solene.

— Feliz Natal, Lasse.

— Feliz Natal!

— E agora vamos aos presentes — disse o avô. — Cabe a mim esta tarefa importante.

Reuniram-se todos em redor da árvore e o avô começou a ler os cartões que acompanhavam os presentes. Cecille observou que nenhum daqueles

pacotes podia ser o trenó ou os esquis, mas não se deu por vencida. Eles ainda poderiam aparecer de algum lugar em qualquer canto da casa. Isso já acontecera antes.

— Para Cecille de Marianne.

Marianne era a melhor amiga de Cecille. Ela vivia do outro lado do rio Leira, mas estavam na mesma classe.

Era um pacote pequenino. Seria uma jóia? Ou talvez uma pedra nova para a coleção...

Cecille rasgou o papel e abriu uma caixinha amarela. Sobre um tufo de algodão, estava uma borboleta vermelha, um broche... Cecille tirou-o da caixinha e, ao tocá-lo, a cor passou de vermelho a verde e depois também a azul e a lilás.

— Uma borboleta mágica...

— Que muda de cor conforme a temperatura. — anuiu o pai.

Todos quiseram tocá-la. Quando a apertavam contra a palma da mão, ela ficava verde e azul. Só que na mão de Cecille ela ficava violeta.

— Uma borboleta com febre — disse Lasse. Mas ninguém demonstrou ter ouvido.

O presente seguinte foi para ele. Eram esquis, em miniatura, da parte de tia Ingrid e de tio Einar.

— Eu teria preferido uns esquis de verdade — disse Cecille. — Mas tanto faz.

Os presentes seguiram-se uns aos outros. Os presentes iam desaparecendo pouco a pouco da árvore, ao mesmo tempo que se amontoavam objetos sobre as cadeiras e a mesa. O pai apanhava os papéis e metia-os num saco plástico.

Entretanto, o avô saiu da sala. Os adultos tomavam café, Lasse bebia suco e Cecille ingeria medicamentos.

Quando regressou à sala, o avô trazia um pacote comprido e pesado, embrulhado em papel de Natal azul, com estrelas douradas.

Cecille ergueu-se do sofá:

— Os meus esquis!

— Para a vedete esquiadora, da avó e do avô — leu o avô.

— Vedete esquiadora?

— Ou deusa do esqui — explicou a avó. — Você sabe quem é.

Cecille rasgou o papel. O papel era vermelho e os esquis eram azuis.

— Que legal! Quem me dera poder experimentá-los imediatamente.

— Esperamos que se recupere depressa.

Enquanto os outros presentes eram distribuídos, Cecille guardou os esquis no sofá. O último presente destinava-se a Cecille e era tão grande que tiveram de ir buscá-lo lá fora. Ainda à distância, ela adivinhou do que se tratava.

— O trenó! Não posso acreditar...

A mãe debruçou-se sobre ela e deu-lhe um leve beliscão na bochecha.

— Acha que teríamos nos atrevido a dar-te outra coisa?

Ela sacudiu os ombros.

— Vocês atreveram-se a não comprar os patins.

— É verdade. Imagina que tivemos esse desplante.

Chegou o momento de servir o interminável café. Cecille regozijava-se com as bandejas de bolos, fruta, marzipan, doces caseiros e frutas secas. Era assim que o Natal devia ser. Mas não comeu mais nada, além de um pedaço de bolo. E pediu também uma fatia de pão com mel.

O avô falou do Natal de outrora. Nos últimos sessenta anos, ele festejara nesta sala e, uma vez, estivera doente na cama.

Quando iam começar a dançar em volta da árvore de Natal, Cecille sentiu-se sonolenta e pediu que a levassem para o quarto.

Pediu também que pusessem os presentes todos lá em cima, o que fez com que Lasse e a mãe andassem numa correria escada abaixo escada acima. Depois de trocados os últimos votos de continuação de um feriado feliz, Cecille voltou para a cama no colo do pai.

Adormeceu ao som alegre dos cânticos de Natal e da dança em volta da árvore no andar de baixo, com a avó ao piano.

Cecille acordou sobressaltada. A julgar pelo silêncio absoluto em que a casa estava mergulhada, devia ser noite.

Abriu os olhos e acendeu a luz que ficava por cima da cama.

Então ouviu uma voz perguntar:

— Dormiu bem?

Quem seria? Não havia ninguém sentado na cadeira diante da cama. Nem sequer havia alguém acordado àquela hora.

— Dormiu bem? — ouviu ela novamente.

Cecille levantou-se, olhando ao redor. Estremeceu ao ver um vulto no parapeito da janela. Somente uma criança poderia caber ali, mas não era Lasse. Quem poderia ser, então?

— Não tenha medo — disse o estranho com uma voz nítida e clara.

Ele ou ela estava vestido com uma camisola branca comprida e os pés estavam descalços. Cecille conseguiu divisar um rosto contra a luz intensa que provinha da árvore lá fora.

Ela esfregou os olhos, mas aquele vulto não arredou pé.

Seria uma menina ou um menino? Cecille não tinha certeza, pois ele ou ela não tinha um único cabelo na cabeça. Ela decidiu que deveria ser menino, mas também poderia ter optado pelo contrário.

— Não pode dizer se dormiu bem? — repetiu a misteriosa figura.

— Claro que posso... Mas quem é você?

— Ariel.

Cecille voltou a esfregar os olhos.

— Ariel?

— Sim, Cecille. Sou eu.

Ela abanou a cabeça:

— Continuo sem saber quem é.

— Mas nós sabemos quase tudo a seu respeito. É precisamente como um espelho.

— Como um espelho?

Inclinou-se de tal maneira para a frente que pareceu que ia até cair sobre a escrivaninha:

— Vocês apenas se vêem a si mesmos. Não conseguem ver o que está do outro lado.

Cecille assustou-se. Quando era mais nova, ela sentara-se muitas vezes diante do espelho a imaginar que havia um outro mundo do lado de lá. Algumas vezes, ficava com receio de que alguém estivesse a espiá-la enquanto se arrumava. Ou ainda pior: imaginava que esse alguém podia saltar subitamente do espelho, indo parar no meio do banheiro.

— Já estive aqui antes? — perguntou ela.

Ariel disse que sim com um ar cerimonioso.

— Como é que entra aqui?

— Nós entramos por todos os lugares, Cecille.

— O meu pai costuma fechar a porta à chave. No Inverno fechamos também todas as janelas...

Ariel ficou na defensiva:

— Para nós, isso não faz diferença.

— Isso?

— Quero dizer, portas com trincos e coisas assim.

Cecille refletiu. Era como se estivesse presenciando efeitos especiais do cinema. Ela fez voltar a bobina e voltou ao início da película.

— Você diz “nós” e “nós” — disse ela. — São assim tantos?

Ele acenou com a cabeça.

— Sim, muitos. Está esquentando.

Mas Cecille estava ficando farta de adivinhar e disse:

— Na Terra vivem cinco bilhões de pessoas. Li também que o Mundo tem cinco bilhões de anos. Já pensou alguma vez nisso?

— Com certeza. Vocês vêm e vão.

— Que disse?

— Cada segundo que passa, umas tantas crianças, novinhas em folha, saem da manga do casaco de Deus. Abracadabra! Cada segundo que passa, desaparecem também muitos seres humanos. Uma fila muito, muito comprida, até que chega a vez de Cecille...

Ela enrubesceu.

— Você também vem e vai — disse ela.

Ele abanou a cabecinha careca energicamente:

— Sabia que este foi o quarto de dormir do seu avô?

— Claro que sei. Mas como é que você sabe disso?

Ariel tinha começado a abanar as pernas, de um lado para outro. Cecille achava-o parecido com uma boneca.

— Agora já estamos no bom caminho — anunciou ele.

— O quê?

— Ainda não respondeu se dormiu bem. Mas já estamos no caminho certo. Leva sempre algum tempo a encontrar o caminho certo.

Cecille reteve a respiração e, depois de expirar profundamente, disse:

— Também não respondeu como é que sabia que este foi o quarto de dormir do meu avô.

— “Como é que sabia que este foi o quarto de dormir do meu avô” — repetiu Ariel.

— Exatamente!

As pernas dele oscilavam cada vez mais:

— Nós existimos desde os primórdios dos tempos, Cecille. Quando o teu avô era pequeno, e, muito antes de existirem medicamentos adequados, ele esteve de cama com uma pneumonia muito grave.

— Esteve aqui também nessa época?

Ariel acenou afirmativamente:

— Nunca esquecerei os olhos dele, tristes como dois passarinhos abandonados.

— “Como dois passarinhos abandonados” — suspirou Cecille.

Ele elevou o olhar e apressou-se a acrescentar:

— Mas tudo passou e ele se recuperou.

— Sim, recuperou por completo.

Ariel fez um movimento brusco e numa fração de segundo, levantou-se do parapeito da janela e tapou a janela quase toda. A contraluz impedia que Cecille lhe visse o rosto com nitidez.

Como teria ele se levantado sem cair sobre a escrivaninha? —, Parecia que nunca caía.

— Lembro-me também dos pastores nos campos — contou ele.

Cecille recordou-se da passagem da Bíblia que a avó lera.

— “Louvado seja Deus e paz na Terra aos homens de boa vontade” — citou ela. — É nisso que está pensando?

— Sim, o exército celeste. Éramos uma multidão animada.

— Não creio.

Quando Ariel inclinou a cabeça, Cecille viu-o melhor. Ele fazia lembrar um dos bonecos de Marianne.

— Pobrezinha — disse ele.

— Porque estou doente?

Ariel disse que não com a cabeça.

— Deve ser horrível não acreditar com quem fala.

— Deixe de treta!

— É verdade que a desconfiança os deixa numa escuridão interior?

Cecille deixou transparecer uma careta mal-humorada.

— Fiz apenas uma pergunta — afirmou ele. — Apesar de termos visto que as pessoas chegam e partem, não sabemos exatamente como é ser de carne e osso.

Cecille contorceu-se na cama. Mas Ariel persistiu:

— A desconfiança não é desagradável?

— Deve ser muito pior mentir na cara de uma criança doente.

Apanhado de surpresa, ele tapou a boca e deu um suspiro de espanto:

— Os anjos não mentem, Cecille!

Depois foi a vez de Cecille conter a respiração:

— É realmente um anjo?

Ariel abanou levemente a cabeça com a maior naturalidade. Depois disso Cecille tornou-se mais afável e, passados uns segundos, disse:

— Foi o que pensei. Mas não ousei perguntar com medo de estar enganada. É que não sei se acredito em anjos.

O anjo protestou com um gesto:

— Vamos pôr esse jogo de lado. Imagine se eu dissesse que não acredito em você. Nessa altura, seria impossível provar qual de nós é que teria razão.

Como se quisesse demonstrar que era um anjo saudável e hábil, ele saltou para a escrivaninha diante da janela e começou a andar sobre o tampo, de um lado para outro. Por duas vezes, deu a impressão de que ia cair, mas endireitou-se na hora H. Outra vez, pareceu mesmo que se endireitara demasiado tarde.

“Um anjo em minha casa” — murmurou Cecille para si mesma, como se se tratasse do título de um livro que ela lera.

— Nós designamo-nos por filhos de Deus — replicou Ariel.

Cecille olhou de esguelha:

— Ao menos você...

— Que quer dizer com isso?

Cecille tentou endireitar-se na cama, mas caiu pesadamente na almofada, dizendo:

— Não passa de um anjo infantil.

Ele riu baixinho.

— Onde é que está a piada? — perguntou ela.

— “Anjo infantil”. Não acha uma expressão engraçada?

Cecille não entendeu, porque ela não achara engraçado.

— Você não é um anjo adulto — disse ela. — Por isso, deve ser um anjo infantil.

Ariel riu ainda mais alto.

— Os anjos não crescem nas árvores — disse ele. — Nós não crescemos nem um nadinha; por isso mesmo não nos tornamos “adultos”.

— Acho que vou desmaiar. — exclamou Cecille.

— Seria uma pena quando a conversa está tão animada.

— Mas eu julgava que os anjos eram todos adultos — insistiu ela.

Ariel encolheu os ombros:

— A culpa não é sua. Apenas tem de adivinhar o que está do outro lado.

— Quer dizer que não existem anjos?

Ariel deu uma gargalhada sincopada. Era um som semelhante ao que se ouvia quando Lasse espalhava as bolinhas de gude pelo chão da cozinha. Só que, desta vez, não seria ela a apanhá-las do chão.

— Com que então, não existe um único anjo adulto no céu — concluiu ela. — Para mim, tanto faz. Mas sendo assim, nenhum padre fala a verdade, porque todos eles apregoam que o céu pulula de anjos adultos.

Ariel quebrou o momento de silêncio estendendo um braço com elegância:

— “O céu pulula de anjos adultos” — interrompeu ele. — “pulula!”

Como Cecille não respondeu imediatamente, ele continuou:

— É engraçadíssimo conversar contigo, Cecille.

Ela começara a morder o polegar. E então perguntou:

— Como será ser adulto?

Ariel sentou-se na escrivaninha, deixando pender as pernas nuas:

— Quer falar sobre isso?

Cecille continuou estendida na cama a olhar para o teto:

— O meu professor diz que a infância não passa de uma passagem para a maturidade. É por isso que temos de seguir as lições como preparação para a vida adulta. Não é tolice?

Ariel fez que sim com a cabeça:

— É precisamente o contrário.

— O quê?

— Ser adulto não passa de uma passagem para que nasçam mais crianças.

Cecille refletiu bem antes de responder:

— Mas os adultos foram criados primeiro. Se assim não fosse, não nasceriam crianças.

Ariel sacudiu a cabeça:

— Errou de novo. As crianças foram criadas primeiro. Caso contrário, nunca se tornariam adultas.

Cecille teve uma idéia genial:

— Quem teria aparecido primeiro: a galinha ou o ovo?

O anjo recomeçou a oscilar as pernas:

— Ainda existe essa velha adivinha? Na Índia, há milhares de anos, um homem idoso, que criava galinhas, fez-me essa mesma pergunta. Ele agachou-se junto de uma galinha que acabara de pôr um ovo e, coçando na cabeça, perguntou: “Quem teria aparecido primeiro: a galinha ou o ovo?”

— Claro que o ovo apareceu primeiro.

— Porquê?

— Se não fosse assim, a galinha não teria aparecido. Não acredita, por acaso, que a primeira galinha apareceu voando pelo espaço?

Cecille começava a ficar confusa. Ela não sabia se tinha compreendido tudo o que o anjo lhe dissera, mas o que ela entendera parecia fazer sentido. Finalmente, julgou ter encontrado a resposta para o velho enigma. Se, ao menos, conseguisse lembrar-se de tudo até amanhã...

— O mesmo se passa com as crianças — continuou Ariel. — Elas chegam primeiro ao mundo. Os adultos aparecem a cambalear depois e tornam-se cada vez mais cambaleantes à medida que a idade avança.

Cecille achou as palavras de Ariel tão ajuizadas que teve vontade de registrá-las no livro de notas. Porém, não ousou fazê-lo na sua presença e acrescentou:

— Mas Adão e Eva eram adultos.

Ariel fez-lhe sinal que não:

— Tornaram-se adultos. E aí é que foi a grande asneira. Quando Deus criou Adão e Eva, eles eram crianças curiosas que trepavam nas árvores e corriam pelo jardim do Paraíso que tinha sido acabado de criar. Não faria qualquer sentido possuir um amplo jardim, se as crianças não pudessem brincar lá.

— Mas isso é verdade?

— Já disse que os anjos não mentem.

— Conte mais coisas!

— A serpente convenceu-os, então, a comer os frutos da árvore da Sabedoria e eles começaram a crescer. Quanto mais comiam, mais adultos se tornavam. Foi assim que, gradualmente, eles foram expulsos do paraíso da infância. Aqueles marotos estavam tão sedentos de sabedoria que acabaram por abandonar o paraíso.

Cecille ficou embasbacada. Ariel olhou para ela complacentemente e disse:

— Certamente já ouviu tudo isso antes.

Ela respondeu que não.

— Ouvi dizer que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, mas ninguém me disse que se tratava do paraíso da infância.

— Podia ter percebido alguma coisa. Mas os seres humanos não compreendem a totalidade. Vêem tudo através de um espelho, como se se tratasse de um enigma...

Cecille sorriu com um ar astuto:

— Acho que consigo imaginar como os pequenos Adão e Eva correram outrora, por entre as árvores do imenso jardim.

— O que é que eu te disse?

— O quê?

— Afinal, você chega lá! Sabe que os seres humanos utilizam somente uma pequena percentagem do cérebro?

Cecille disse que sim, porque tinha acabado de ler sobre isso na revista Ciência Ilustrada.

— Conte-me mais coisas sobre Adão e Eva — pediu ela.

Então ela soergueu-se um pouquinho na cama e Ariel começou a contar, ao mesmo tempo que balançava as pernas:

— Eles começaram por crescer, as extremidades alongaram-se e acabaram por amadurecer sexualmente. Foi em parte um castigo, mas também um consolo para Deus e para os seres humanos.

— Porquê?

— Porque assim podiam vir novas pessoas ao Mundo. E tem sido assim desde então. Deus destinou assim para que não parem de nascer crianças que, por seu turno, voltarão a descobrir o Mundo. Desta maneira, Ele assegurou a continuidade da criação. O Mundo sofre uma renovação, cada vez que nasce uma criança.

— Quando uma criança nasce, o Mundo é, até certo ponto, completamente novo para essa criança, não é assim?

Ele anuiu dizendo:

— Pode-se dizer perfeitamente que o Mundo vai ao encontro da criança. Nascer significa ter o Mundo como presente: o Sol durante o dia, a Lua e as estrelas à noite. O mar ondulante nas praias, os bosques tão profundos que mal conhecem os seus segredos, os animais que animam a paisagem. O Mundo nunca envelhece, nem embranquece como o cabelo das pessoas. São os seres humanos que envelhecem e ficam grisalhos. Enquanto as crianças vierem ao Mundo, este continuará novinho em folha como no sétimo dia em que Deus descansou.

Cecille estava boquiaberta e o anjo Ariel continuou:

— Adão e Eva não foram os únicos a serem criados. Você também foi criada. De repente, foi a tua vez de ver o que Deus tinha criado. Saiu da manga do casaco divino e ganhou vida por artes mágicas. E pode ver como tudo é divinal.

Cecille não conseguiu conter o riso. E perguntou:

— É verdade que vocês estão aqui desde sempre?

O anjo abanou a cabeça com um ar formal:

— Sim, aqui e ali. Mas a curiosidade, no que diz respeito à obra da Criação, continua imutável. E isso não admira, quando se contempla tudo do outro lado. Na obra da Criação, somente a curiosidade infantil tem termo de comparação com a nossa. Até certo ponto, vem também do exterior.

Ao longo da sua doença, Cecille tinha por várias vezes pensado em algo semelhante: Os adultos precisam refletir cada vez que decidem fazer qualquer coisa engraçada. Nada lhes causa admiração. E dizem sempre: “É simplesmente assim, Cecille.”

— Mas Deus também gosta dos adultos? — indagou ela com cautela.

— Com certeza, apesar de eles nunca mais terem sido os mesmos desde o pecado original.

— Nunca mais terem sido os mesmos?

— Eles vêem o Mundo como uma coisa habitual. O mesmo não acontece no Céu com os anjos apesar da nossa existência eterna. Continuamos a ter admiração pelo que Deus criou. Ele próprio se admira. Por isso, Ele regozija-se mais com a curiosidade das crianças do que com as atitudes indiferentes dos adultos em relação ao Mundo.

Cecille não parava de pensar e sentia a cabeça a faiscar. Isto já lhe tinha acontecido várias vezes. Durante a doença, ela sentia que a sua cabeça era como um autêntico carrossel de pensamentos engenhosos. Mas com a diferença de não precisar de pagar bilhete, como para andar na montanha-russa.

— Quase todos os adultos se acomodaram no Mundo e aceitam a obra da Criação como um dado adquirido — esclareceu Ariel. — É um pensamento quase ridículo, porque eles estão aqui só de passagem.

— De acordo.

— Estamos a falar do Mundo, Cecille. Como se o Mundo não fosse uma sensação. Talvez o Céu devesse enviar regularmente o seguinte anúncio para os jornais de maior tiragem:

“Informação importante para todos os cidadãos do Mundo! Isto não é apenas um boato: O MUNDO EXISTE!”

Cecille sentia-se tonta com as palavras de Ariel, que agitava e batia as pernas, e perguntou:

— Não teria sido preferível se Deus tivesse expulsado essa horrível serpente do Paraíso para que Adão e Eva brincassem eternamente de esconder no grande jardim?

Inclinando a cabeça, Ariel respondeu:

— Isso não é assim tão simples. Visto que vocês são de carne e osso, não são eternos como os anjos. Mas Deus não teve coragem de eliminar as crianças da obra da Criação. Seria um pouco melhor se eles crescessem primeiro.

— Porquê?

— É muito mais fácil alguém despedir-se do Mundo com meia dúzia de netos e, ao mesmo tempo, já menos lúcido e, sobretudo, saciado da vida.

Cecille não se deixou impressionar com a última parte.

— Acontece também que algumas crianças morrem — replicou ela. — Não é idiotice?

“Não é idiotice”? repetiu Ariel. — “Não é idiotice”?

Ariel nada mais adiantou e Cecille perguntou:

— Tem certeza absoluta de que Adão e Eva foram crianças?

— Sim, absoluta. Nunca te passou pela cabeça que as crianças são os seres que mais se parecem com os anjos? Já viu um anjo com cabelo grisalho, dores nas costas ou rugas profundas no rosto?

Algo naquela pergunta fez com que Cecille protestasse:

— Apesar da idade, não acho a minha avó feia.

— “A minha avó feia” — repetiu Ariel. — Eu não disse isso. Naquele corpo envelhecido há uma pequena Eva que um dia veio ao mundo. A outra cresceu só por fora com o passar dos anos.

Cecille deu um suspiro fundo:

— Se me permite, acho que a obra da Criação foi organizada de forma idiota.

— Porquê?

— Não tenho vontade nenhuma de me tornar adulta. E de morrer, ainda menos. Nunca!

O anjo assumiu um semblante sombrio, dizendo:

— Deve tentar conservar a criança que há dentro de ti. A tua avó conseguiu. Não acontece que ela, às vezes, se faz de palhaça para você dar risada?

— Estava lá também?

— Claro que estava!

No instante seguinte, o anjo Ariel pôs-se de pé. Cecille não o viu saltar da escrivaninha, mas, de repente, ele estava diante da estante de livros a observar os cristais e pedras decorativas. Ele era ligeiramente menor que Lasse.

— Uma boa coleção — disse ele de costas.

E virando-se para ela:

— Já pensou que cada pedra é um bocadinho da Terra?

— Muitas vezes. Eu apenas coleciono as peças mais bonitas...

— Mas provavelmente nunca pensou que você mesma, de certo modo, arrancou um pedacinho da Terra.

Ela estremeceu:

— Por quê?

— Movimenta-se agilmente na obra da Criação. Uma pedra não consegue fazer isso.

Pela primeira vez, Cecille viu a cara do anjo nitidamente. Embora mais pálida, a sua pele era muito mais lisa e fresca do que a pele humana. Ela começara a habituar-se à calvície de Ariel e reparou que ele não possuía cílios, nem sobrancelhas.

O anjo avançou na direção dela e sentou-se na cadeira diante da cama. Deslocava-se com tanta leveza que dava a impressão de não tocar com os pés no chão; parecia antes que deslizava pelo assoalho. Os olhos, azuis-esverdeados, cintilavam como pedras preciosas e os dentes brilhavam como bocadinhos de mármore branco.

Enquanto conversavam, Cecille olhava fixamente para a cabeça dele e disse:

— Posso fazer uma pergunta a respeito do teu cabelo?

Ele riu:

— Claro que pode. Depois talvez possamos falar da tua barba.

Ela olhou para o edredom:

— Eu julgava que os anjos tinham cabelo comprido e claro.

— O que acontece é que vê tudo através de um espelho e, em consequência disso, é quase inevitável que veja a si mesma.

Ela não ficou satisfeita com a resposta:

— Não pode me dizer porque é que não tem cabelo na cabeça?

E ele respondeu:

— Pêlo e pele crescem no corpo e andam constantemente a cair. É algo que interliga a carne e o sangue, protegendo das impurezas, do frio e do calor. Os pêlos e a pele são semelhantes às peles dos animais e nada têm a ver com anjos. Poderia perfeitamente perguntar-me se escovamos os dentes ou se cortamos as unhas, no sábado, de quinze em quinze dias.

— Vocês não fazem, uma coisa nem outra, não é?

Ele disse que não.

— Não é isto que nos torna semelhantes.

— O que é, então?

Ele baixou o olhar para ela:

— Tanto os anjos como os seres humanos têm uma alma criada por Deus. Mas os seres humanos têm um corpo que segue um caminho próprio: crescem e desenvolvem-se à semelhança das plantas e dos animais.

— Que estupidez! — suspirou Cecille. — Não gosto de pensar que sou um animal.

Ariel continuou a falar, como se nada tivesse ouvido:

— A vida das plantas e animais parte de pequenas sementes ou células. São tão pequenas a princípio que é impossível distingui-las umas das outras. Depois é que sofrem um desenvolvimento gradual até se tornarem em framboesiras ou macieiras, seres humanos ou girafas. Leva muitos dias a distinguir um feto de porco do feto humano. Sabia?

Ela concordou:

— Quase não fiz outra coisa nas últimas semanas senão ler a revista *Ciência Ilustrada*.

— Mesmo assim, não existem duas pessoas exatamente idênticas. Nem mesmo existem duas palhas iguais na obra da Criação.

Cecille lembrou-se do saco com bolas de papel japonesas que o pai lhe dera havia muitos anos. Ela não conseguia distingui-las de tão pequenas que eram. Mas, quando se colocavam na água, expandiam-se e transformavam-se em figuras distintas, de cores diversas. Nenhuma era igual.

— Já te disse que não gosto de pensar que sou um animal — repetiu ela.

Ariel pousou, de leve, a mão sobre o edredom. Ela mal sentiu que ele lhe tocara na perna.

— Você é um animal com alma de anjo, Cecille. E de ambos tem o melhor. Não é esplêndido?

— Não sei...

— A arte está precisamente nesta combinação. Quando está plenamente consciente, é como os anjos no céu. “Boa tarde, jovem! Chamo-me Cecille Skotbu. Concede-me a próxima dança?”

O anjo Ariel estendeu um braço e fez uma vênica profunda, como se tivesse vindo diretamente da escola de dança. E prosseguiu:

— Mas o corpo em que habita, Cecille é de carne e osso, à semelhança das vacas e dos camelos. Por essa razão é que nasce cabelo em todo o teu corpo e, sobretudo, na cabeça, embora pouquíssimo no princípio. Depois, à medida que o tempo passa, aparece cada vez mais depressa e a um ritmo mais acelerado! A natureza desenvolve-se como uma camada cada vez mais espessa em redor da criança que um dia veio ao Mundo. Ao abandonar a mão do Criador, são frescos e macios como os anjos no Céu. Mas isso é apenas exteriormente, porque o pecado original já está em curso. Dentro do corpo, a

carne e osso estão em atividade permanente, o que faz com que os seres humanos não sejam eternos.

Cecille mordeu o lábio. Ela não gostava de falar sobre o corpo, nem da idéia de estar crescendo.

— Até a idade de dois anos, o meu irmão Lasse não tinha um único cabelo na cabeça — disse ela.

— Não é preciso que me diga.

— Sendo assim, sabe também que me deram medicamentos muito fortes no hospital e que por causa disso, perdi todo o cabelo.

Ele confirmou:

— Naquele tempo, éramos ainda mais parecidos.

— Eu estava para repetir o tratamento, mas mudamos de idéia...

— Eu sei.

— Foi a vovó quem convenceu todos, inclusive os médicos. Ela é incrível quando decide uma coisa. Foi só fazer a mala e deixar o hospital. Mas a Kristine, que é enfermeira, vem aqui várias vezes por semana...

— Eu sei de tudo isso.

Cecille olhou para o teto e, por momentos, fez uma retrospectiva dos acontecimentos dos últimos meses. Depois se voltou para Ariel:

— Tem certeza de que é mesmo um anjo?

— Já disse que os anjos não mentem.

— Mas se mente, não é anjo, e pode ser o caso de estar mentindo.

Ele suspirou profundamente:

— Mas que desconfiança!

Cecille sentiu um arrepio frio por todo o corpo. Seria causado pela desconfiança?

— Posso fazer uma pergunta estúpida? — indagou.

— Não há perguntas estúpidas.

Ela não perdeu tempo:

— É menino ou menina?

Ariel deu uma gargalhada cristalina. Cecille achou aquele som idêntico à música que ela tocara com garrafas cheias de água. O som era tão engraçado que ela repetiu a pergunta:

— É menino ou menina?

Ele observou-a certamente com atenção, porque, antes de responder, voltou a rir, mas desta vez de uma forma forçada.

— Foi uma pergunta tipicamente terrestre.

Ela sentiu-se ofendida. Não tinha ele acabado de dizer que não havia perguntas estúpidas?

— No Céu, não existem essas diferenciações peculiares — afirmou ele solenemente. — Mas pode perfeitamente chamar-me “menino” e assim seremos um de cada sexo.

— Por que razão existirão estas diferenciações peculiares aqui?

— Já falamos sobre isso. São necessários dois sexos diferentes para que venham novas crianças ao mundo. Você sabe disso, Cecille. Para dizer a verdade, este não é um tema interessante para um anjo.

— Desculpe!

— Não, não faz mal. Estou certo de que Deus não teria feito distinção entre meninos e meninas, se o propósito não fosse a reprodução quando eles se tornam homens e mulheres. Provavelmente ele tomou essa decisão, porque

no momento não lhe ocorreu melhor idéia. Tem uma sugestão melhor?

— Não sei.

Ele mostrava-se agora muito entusiasmado:

— Se a reprodução humana fosse gemípara, certamente gostaria de saber por quê. Mas, mesmo que fosse assim, poderia perfeitamente ter sido muito diferente. Vocês poderiam, por exemplo, viver no interior do globo terrestre, em vez de se movimentarem fora dele. Se as condições fossem propícias, poderiam ser construídas cidades e fazendas no interior do globo terrestre. Caso contrário, teriam de ser criadas condições. Criar um mundo é, sem dúvida, uma arte prodigiosa.

— É absolutamente absurdo pensar nisso — opinou Cecille. — E torna-se ainda mais absurdo quanto mais se pensa.

— No quê?

— Que existem duas espécies de pessoas na Terra.

Sentado, com um ar gaiato, ele disse:

— Discutem-se estas coisas no Céu. Mas não é bem a mesma coisa.

— Porque não?

— Porque não estamos discutindo sobre nós mesmos. Deve ser ainda mais surpreendente achar estranho ser aquilo que se é. Não me parece que uma pedra ache estranho o fato de ser pedra. Nem uma tartaruga acha estranho o fato de ser tartaruga. Mas certas pessoas acham estranho o fato de serem seres humanos. Eu nunca me senti ao nível das pedras nem das tartarugas.

— Não acha estranho ser anjo?

Ele não respondeu de imediato.

— O meu caso é completamente diferente, porque sempre fui anjo. Mas você é Cecille Skotbu há pouco tempo.

— Exatamente! E continuo a achar muito estranho que eu seja eu.

— Toda a obra da Criação é, indubitavelmente, um mistério — concluiu Ariel. — O mais estranho, contudo, é que em algum lugar nesse mistério existem algumas criaturas que se consideram um mistério.

— Porque será assim tão estranho?

— É como se um poço pudesse mergulhar na sua própria e inexplicável profundidade.

— Mas eu fiz isso muitas vezes — assegurou Cecille.

— O quê?

— Diante do espelho, olhei-me nos olhos. E imaginei-me ser um poço tão profundo que não conseguia discernir o que estava no fundo.

— Isso se deve certamente às suas mutações constantes. Não é de admirar que uma pessoa que muda pouco a pouco, também se surpreenda. Se uma larva pudesse pensar, ficaria certamente perplexa ao compreender que se transformava em borboleta. E isso acontece de um momento para outro. Mas os anjos do Céu sentem-se igualmente estupefatos por uma menininha, de repente, se transformar numa mulher adulta. Para nós, aquele pequeno lapso de tempo não tem grande significado.

— Porque não?

— Os anjos têm muito tempo, Cecille, e a diferença entre uma menina e uma mulher adulta é abissal.

— É verdade que discutem isso no Céu?

Atrapalhado, Ariel anuiu com a cabeça. E, lançando um olhar pelo quarto, disse:

— Mas evitamos fazer isso quando Deus está presente. Ele é muito sensível a críticas.

— Eu não fazia idéia.

— Vocês acreditam em tantas coisas. Vocês não podem esperar ver as coisas sob a mesma perspectiva dos anjos do Céu.

— O que eu queria dizer, é que julgava que Ele era superior a qualquer crítica.

— Nunca o viu cara a cara. Se você, por acaso, também tivesse criado um mundo, seria certamente sensível a críticas. Estamos a falar de coisas descomuns. Apesar Dele contemplar a Sua obra de Criação com satisfação, isto não significa que certas coisas não pudessem ter sido deferentes. Extenuado e com tudo criado, Ele descansou ao sétimo dia. Depois, sucumbiu simplesmente, percebe? Há de transcorrer muito tempo, antes Dele voltar a tentar outra proeza com esta magnitude.

Absorvida nos seus pensamentos, Cecille disse:

— Imagina se só existisse um sexo. Se formos ver, o melhor ainda seriam três.

— Não acha que o homem e a mulher arranjam complicações que cheguem?

— Mas as complicações podem ser motivadas pelo fato de serem só dois, sobretudo em famílias com muitas crianças. Dá a impressão de que não sabe grande coisa sobre a vida na Terra.

Ariel encolheu os ombros.

— Gostaria de aprender mais.

— Se a produção de crianças dependesse de três sexos diferentes — insistiu Cecille, — nasceria menos gente, o que poderia evitar o superpovoamento...

— Espera aí — objetou Ariel. — Está indo depressa demais.

Desanimada, Cecille suspirou.

— Eu pensava que os anjos conseguiam acompanhar o ritmo das aulas.

— Esse não é o caso quando se trata de nascimentos e coisas análogas. Nessa altura, distanciamo-nos o máximo possível do Céu.

— Quero dizer com isto que três pessoas com muita afeição entre si teriam mais dificuldade em decidir ter um filho em conjunto, do que duas pessoas que se apaixonam uma pela outra e têm um filho antes de alcançarem a maturidade.

— Esse é um cálculo puramente matemático. Se os dois sexos precisassem de um terceiro para terem filhos. É aí que quer chegar?

Ela abanou a cabeça:

— Se dois dos três sexos tivessem vontade de ter filhos, é provável que o terceiro dissesse: “Não, pelo menos um de nós tem de ser razoável. Temos de esperar mais um ano ou dois. Eu não estou disposto a ter mais filhos por enquanto ou ficaremos muito sobrecarregados.”

Ela riu com esta saída e o seu riso contagiou Ariel.

— É precisamente sobre pensamentos engraçados como estes que nós especulamos no Céu.

Mas Cecille continuou:

— Nesse caso, seriam uns tantos a mais para tomar conta das crianças, por exemplo, quando elas adoecem. Dois dos adultos poderiam dedicar mais tempo um ao outro, enquanto a mamãe ou o papai número três cuidava dos filhos. Seriam igualmente mais pessoas a afeiçoar-se às crianças. No final das contas, seriam muito mais pessoas a gostar umas das outras.

Ariel tinha uma expressão indecifrável. Era como se ele tivesse tido sempre esta máscara e retorquiui:

— É apenas no seio das famílias que as pessoas gostam umas das outras?

— Talvez não seja assim, mas haveria seguramente mais amor no mundo se os progenitores fossem três ou quatro. Só que...

— O quê?

— ...só que a dor aumentaria também.

— Dor?

Cecille voltou a morder os lábios, dizendo:

— Quando alguém morresse, seriam mais pessoas de luto.

Ariel abanou a cabeça negativamente:

— Acho que está tirando conclusões precipitadas novamente.

— Por quê?

— Se fosse assim, também haveria no Mundo o dobro da consolação.

— Nessa ordem de idéias, um compensaria o outro.

Ele concordou:

— Mas se cada família tivesse apenas dois filhos, os seres humanos acabariam por desaparecer da face da Terra.

— Por quê?

— Se três adultos tivessem somente dois filhos, os seres humanos diminuiriam pouco a pouco até se extinguirem completamente.

Cecille riu-se:

— Um belo dia restaria apenas um Adão e uma Eva, como no início. Se fossem redimidos do pecado original, poderiam viver no Paraíso para a eternidade. Não foi uma boa idéia?

— Nada má. Mas discutamos sobre a organização da obra da Criação.

— E isso adianta alguma coisa? Parece a mamãe quando diz que não adianta nada me queixar da doença. Agora também não quero falar de doenças e de coisas do gênero.

— Não fui eu que falei de doenças. Prometo que, quando voltar a falar com Deus, abordarei o assunto dos três sexos. Ele, ao menos, tem sentido de humor.

— Verdade?

Ele sorriu com indulgência:

— Nunca viu um elefante? Nem faz idéia das anedotas que temos no Céu sobre elefantes! Sobre girafas temos também umas tantas.

Cecille não sabia se estava certa que os anjos contassem anedotas no Céu sobre a obra da Criação. Isso tornava esta questão demasiadamente frívola.

— Espero que não contem anedotas sobre mim — disse ela.

— Nem pensar. Nunca ouvi uma única anedota sobre Cecille. Apesar de compreender as coisas parcialmente, já percebeu por certo que é muito tarde para endireitar a obra da Criação.

— Talvez...

— Quer que te conte uma boa?

— Sim.

— Acontece que falamos como tudo é e como poderia ser e Deus, estendendo os braços e com um semblante resignado, diz para si mesmo: “Estou ciente de que uma coisa ou outra poderia ter sido diferente, mas o que está feito está feito e eu não sou todo-poderoso.”

Cecille ficou boquiaberta.

— Nem um único padre acreditaria nisso! — Sendo assim, um deles está enganado, ou os padres ou Deus!

Cecille levou uma mão à boca e bocejou. O anjo assumiu uma expressão retraída.

— A sua mãe está chegando — disse ele. — Tenho de ir...

— Não ouço nada.

— Mas ela vem aí agora mesmo.

Cecille ouviu o despertador tocar no quarto ao lado.

— Vai embora?

Ele fez-lhe sinal que não com a cabeça:

— Vou sentar-me à janela.

— A minha mãe consegue te ver?

— Não me parece.

No momento seguinte, a mãe de Cecille entrava no quarto:

— Cecille?

— Mmm...

— A luz está acesa?

— Não está vendo?

— Só queria certificar-me como está.

— Já é dia?

— São três horas.

— Mas ouvi o despertador.

— Eu pus o despertador para as três.

— Por quê?

— Porque gosto de ti. Não posso deixar que a noite passe, sobretudo a Noite de Natal.

— Vai dormir, mamãe.

— E você, consegue dormir?

— Umas vezes durmo, outras vezes, estou acordada. Não consigo fazer a distinção entre uma coisa e outra.

— Quer alguma coisa?

— Tenho água...

— Não precisa ir ao banheiro?

Ela sacudiu a cabeça.

— Foi tão bonito quando cantaram! Eu adormeci com a vovó ao piano.

— Quer que areje um pouco o quarto?

— Talvez um pouco.

A mãe dirigiu-se para a janela. Cecille julgou poder ver Ariel no parapeito, mas ele foi esmaecendo à medida que a mãe se aproximou.

— Está vendo as rosetas de gelo no vidro? — perguntou ela. — Não é estranho como se desenham a si próprias?

A mãe abriu a janela.

— Há muitas coisas estranhas, mamãe. Agora que estou doente, parece que compreendo tudo muito melhor. Parece que o Mundo tem os cantos mais definidos.

— Costuma ser assim. Basta uma gripe forte para ouvirmos os pássaros de forma diferente.

— Te contei que o carteiro me acenou?

— Sim, contou... mas agora vou fechar.

Voltou-se de novo para a cama e abraçou Cecille.

— Então, dorme bem. Vou pôr o despertador para as sete horas.

— Não é preciso. É Natal.

— Precisamente por isso. Escute Cecille...

— Sim?

— Não é melhor passar a tua cama para o nosso quarto? Talvez seja mais confortável para você... e mais fácil para o papai e para mim.

— Não é preferível que vocês venham aqui?

— Sim, claro. Toca a campainha quantas vezes quiser, mesmo no meio da noite.

— Sim, claro. Mas, mamãe...

— O que é?

— Se eu fosse Deus, teria criado o Mundo de modo que todo mundo tivesse, no mínimo, três progenitores.

— Porque diz isso?

— Porque vocês não se cansariam tanto e poderiam estar mais tempo um com o outro, enquanto o terceiro, mãe ou pai, estava comigo ou com o Lasse.

— Não diga isso.

— Porque não? Sei que não é possível mudar a obra da Criação. Mas, às vezes, acho que Deus é um trapalhão. Ele nem sequer é todo-poderoso.

— Acho que sente uma certa revolta interior por estar um pouco doente.

— Um pouco?

— Ou melhor, muito. Dorme bem. Não ajuda nada ficar revoltada, Cecille.

— “Não ajuda nada ficar revoltada, Cecille”. Já disse isto centenas de vezes.

— Mas espero e rezo a Deus para que fiques boa. Todos nós o fazemos.

— Claro que vou ficar bem. É, sem dúvida, a coisa mais tola que disse nos últimos tempos.

— A Kristine vem dar-lhe a injeção amanhã.

— Está vendo?

— O quê

— Acredita que ela viria de tão longe no Dia de Natal, se não estivesse convicta de que o medicamento ajudava? É uma grande tola, mamãe! Por ter vivido tanto tempo, está maluca de todo.

— Claro que ela acredita que o medicamento ajuda! E eu também... Tem certeza mesmo de que não quer vir para o nosso quarto?

— Em breve, serei adulta. Não entende que eu quero o meu próprio quarto?

— Claro que sim.

— Não tem graça nenhuma ficar de cama ouvindo-os rressonar.

— Também entendo isso.

— Não leve isto tão a sério... Ah, obrigada pelos presentes!

— Quer que eu apague a luz?

— Não, eu cuido disso. Logo que eu acabar de pensar, apago.

Depois que mamãe regressou ao seu quarto, Cecille pegou na lapiseira e no livro de notas que estavam sob a cama e escreveu:

“Cada segundo que passa, outras crianças, novinhas em folha, saem da

manga do casaco de Deus. Abracadabra. Em cada segundo que passa. desaparecem também muitos seres humanos. Uma fila muito, muito comprida, até que chega a vez de Cecille...

Não somos nós que viemos ao Mundo, mas o Mundo que vem ao nosso encontro. Nascer significa ter o Mundo como presente.

Deus, estendendo os braços e com uma expressão resignada, diz para si próprio: “Estou ciente de que uma coisa ou outra poderia ter sido diferente, mas o que está feito, está feito e eu não sou todo-poderoso”.

Cecille voltou a empurrar o livro e a lapiseira para baixo da cama e adormeceu por momentos.

Ao abrir os olhos, olhou para o teto, sem fazer idéia quanto tempo tinha passado. As luzes da árvore alta do jardim iluminavam o quarto. As rosetas de gelo na janela pareciam de ouro.

— Ariel — murmurou ela.

— Estou aqui.

— Não consigo te ver.

— Aqui...

Só nesse momento é que ela o viu. Ele instalara-se na parte superior da estante, onde não havia livros.

— Como é que conseguiu chegar aí?

— Para um anjo não há qualquer problema. Dormiu bem?

Logo a seguir, ele desceu. Ela não o viu saltar, nem ouviu qualquer estrondo. Sem mais nem menos, ele encontrava-se simplesmente no chão a tocar nos esquis.

— Bons esquis — disse ele. — O trenó também é jeitoso.

Ariel virou-se e Cecille reparou como ele era lindo. Os olhos eram

ainda mais cristalinos, verdes-azulados e enigmáticos do que ela se lembrava e assemelhavam-se a uma pedra preciosa que ela vira num livro sobre pedras de joalheria. Não seria a safira?

— Como é que sabia que a minha mãe estava chegando — perguntou ela.

— “Que a minha mãe estava chegando” — repetiu Ariel. — “Como é que sabias que a minha mãe estava chegando?”

— Está me imitando!

— Estou apenas saboreando as palavras.

— Saboreando as palavras?

Ele abanou a cabeça:

— É a única coisa que um anjo consegue saborear.

— Tem gosto bom?

— Foi um pouco esquisito.

— Por quê?

— Não acha também estranho que, antes, tivesse chapinhado no ventre dela?

Cecille deu um suspiro condescendente. Ela pensou para consigo que tudo o que se relacionava com nascimentos se distanciava o máximo possível do Céu e perguntou:

— Como é que sabia que ela vinha?

— Ela tinha posto o despertador para as três horas.

— Não consegue ver através das paredes, não é?

Ele deu um passo em direção a ela:

— Vê se acaba com essas tolices. O que chama “paredes”, não são paredes para nós!

Cecille levou a mão à boca.

— Nesse caso, tira radiografias. Consegue ver através do meu corpo?

— Se eu quiser, consigo. Mas eu desconheço a sensação dos alimentos a serem digeridos no estômago para se transformarem em carne e osso.

Ela ficou toda arrepiada:

— Acho melhor mudar de assunto.

— Para mim está bem.

— Pode aproximar-se um pouco?

Ele sentou-se na cadeira, diante da cama de Cecille. Era como se tivesse trocado de lugar, sem pousar os pés no chão, mais ou menos como um diapositivo que se projeta na sala mediante a deslocação da máquina projetora.

— Nem notei você se mexer — disse ela. — E, de repente, já estava aí sentado.

— Ao contrário dos seres humanos, nós não precisamos de “movimento”. A única coisa que precisa fazer, é dizer-me onde me quer e eu estarei lá.

— Explique-me melhor. Diga-me como consegue transpor portas fechadas, que é uma coisa que nunca entendi.

Ele hesitou:

— Conto-lhe sob uma condição.

Cecille sobressaltou-se:

— Não fazia idéia que os anjos punham condições pelas suas boas

ações!

— Não está pedindo apenas uma boa ação, mas sim que te revele segredos celestiais.

— Qual é a condição?

— Que me fale dos segredos terrestres.

— Que coisa? Já sabe tudo.

Sentado na cadeira, Ariel inclinou-se para a frente e disse:

— Não sei o que é ter membros de carne e osso. Não sei o que é crescer. Tampouco sei o que é comer, sentir frio ou ter sonhos cor-de-rosa.

— Não sou certamente o primeiro ser humano com quem fala. Não me disse que os anjos existem desde sempre e para sempre?

— Eu disse também que os anjos não cessam de admirar a obra da Criação. E nós nos revelamos muito raramente. A última vez que fui anjo da guarda, foi na Alemanha há mais de cem anos.

— Anjo da guarda de quem?

— Ele chamava-se Albert e estava muito doente.

— Que se passou com ele?

— Infelizmente, não estava bem. Foi por isso que estive lá.

Cecille resmungou:

— Então é somente quando algo vai mal que vocês fazem uma visita. É a coisa mais boba que ouvi até hoje.

— Nunca é tarde demais para consolar uma pessoa que está aflita.

— Ele não te contou o que é ser humano, de carne e osso?

Ariel disse que não com a cabeça:

— Ele era pequeno demais.

— Que pena...

— Por quê?

— Porque agora terei mais trabalho.

— Mas mantém a promessa?

Cecille tentou levantar-se um pouco na cama.

— Vou tentar — disse ela. — Mas você é que começa.

— De acordo!

Ariel endireitou-se na cadeira. Sob a camisola branca surgiram duas pernas despidas. Ele estendeu-as sobre a cama de Cecille. As pernas eram acetinadas como as de uma criança recém-nascida. Ela não viu um único poro na pele dele.

Antes do encontro de Cecille com Ariel, ela nunca imaginara que os pêlos do corpo pertenciam ao reino vegetal e animal. E foi então que se apercebeu como seria estranho um anjo ter pêlos nas pernas. Podia crescer e desenvolver um pouco de tudo em árvores muito antigas. O mesmo acontecia com os seres humanos e com os animais. Mesmo sobre as pedras, crescia musgo e líquens. Mas num anjo nada crescia.

Depois prestou atenção às unhas dos pés dele. Era óbvio que elas não precisavam de ser cortadas e faziam lembrar uma das pedras da sua coleção. Seria a que se chamava cristal de rocha?

— Os anjos sentem cansaço? — perguntou.

— O que é que te faz crer tal coisa

— Colocou as pernas sobre a cama.

Ele sorriu com bondade:

— Tenho observado como os seres humanos se sentam quando fazem uma confidência.

— Está me imitando outra vez. Porque não se comporta naturalmente? A minha mãe costuma dizer: “não tenha vergonha”.

— Se é assim, talvez possa levantar-se um pouco da cama. Sabe que está ficando aborrecido conversar contigo sempre aí deitada?

— Eu estou bastante doente.

— Levante-se, Cecille.

Ela tentou fazer o que o anjo lhe pediu e sentou-se ficando voltada para ele. Cecille estava na cama e Ariel na cadeira. Ela sentia-se muito melhor agora. Há muito tempo que não se sentava direito e pensava nos segredos terrestres que iria contar ao anjo.

Ariel começou:

— Muitos seres humanos julgam que um anjo é uma sombra, desprovida de membros, que flutua entre o Céu e a Terra...

— Era assim que eu imaginava antes.

— Mas é precisamente o oposto. Para nós, os seres humanos são leves e frágeis. Quando você dá um pontapé numa pedra, o teu pé esbarra na pedra. Se eu fizesse o mesmo, o meu pé atravessaria a pedra de lado a lado. Para mim, a pedra não tem uma consistência maior do que um tufo de nevoeiro.

— Então já entendo como é que vocês conseguem atravessar portas e paredes sem se machucarem. Mas não entendo como é que as paredes não ficam danificadas.

— Quando atravessa o nevoeiro, também não o estraga. E os teus pensamentos também não causam danos no Mundo à sua volta.

— Isso é verdade. Mas se consegue transpor uma parede, é porque não tem um corpo de verdade.

— Toca no meu pé, Cecille.

Ela pôs dois dedos em volta do dedo grande do pé dele e apertou. Parecia aço.

Ariel disse:

— Temos membros mais duros do que outros da obra da Criação. Os anjos jamais se machucam. E isso deve-se ao fato de não termos um corpo, de carne e osso, de que a nossa alma se possa separar.

— Pode regozijar-se...

— Com a natureza é diferente: tudo se estraga com facilidade. Mesmo uma montanha sofre a erosão lenta das forças da natureza, acabando por transformar-se em terra e areia.

— Obrigada pela informação, mas estou a par disso.

— Vocês é que são as nossas sombras, Cecille. Nunca o contrário. Vocês aparecem e desaparecem. Vocês não duram. Surgem repentinamente. É maravilhoso quando uma criança recém-nascida é colocada sobre o ventre da mãe. Mas vocês desaparecem com a mesma rapidez. É como se Deus soprasse bolas de sabão com vocês.

Cecille entreabriu os olhos:

— Desculpe dizer tão diretamente, mas isto me cheira a problemas.

Ele concordou:

— Talvez tenha formulado mal. Tudo o que existe na natureza é como um incêndio lento. Toda a obra da Criação está sobre uma fogueira de musgo.

— Não acho isso agradável, como também não gosto do pensamento de ser “uma sombra”.

Ariel pôs a mão na boca, como se compreendesse que falara demais.

— Mas os seres humanos não são sombras uns dos outros. —

acrescentou ele prontamente. — O teu pai não precisa segurar-te bem e contrair os músculos quando te leva no colo para a sala, no andar de baixo?

— Isso é só conversa!

— Que te leva a dizer isso?

— Tem sempre respostas ajuizadas para todas as minhas perguntas. Mas não vejo que seja verdade aquilo que diz.

— Voltamos ao princípio?

— A onde?

— Continua a julgar que minto.

Ela fingiu não ouvir:

— Pode, por exemplo, atravessar a parede e ver se os meus pais estão dormindo?

— Não vamos repetir muitas vezes esses jogos...

— Então, só esta vez

Ariel levantou-se da cadeira e atravessou o quarto. Ao alcançar a parede, ele continuou a andar. Cecille viu-o deslizar pela parede. O pé que ficou atrás passou a parede e desapareceu.

— Estão ambos dormindo — disse ele. — O braço do teu pai está sobre o ombro da tua mãe. O despertador está marcado para as sete horas.

— Bravo! — gritou Cecille, batendo palmas. — Nesse caso, não preciso ficar no quarto da minha mãe e do meu pai.

— Não, se algo acontecer, posso acordá-los mais depressa do que um despertador.

— É verdade?

Certamente por Cecille não crer nele, o anjo sorriu desanimado e disse:

— Isso é sempre engraçado. Eles julgam que acordam sozinhos e costumam dizer: “Não é estranho que eu tivesse acordado agora mesmo? Pressenti que alguma coisa estava errada.”

— Em todo o caso, é uma cena divertida!

— Também é engraçado observar os adultos durante o sono. Parecem-se com crianças. Provavelmente sonham que estão brincando na neve, na rua.

Então, Cecille disse com vivacidade:

— Deu-me uma boa idéia! Não poderá ir lá fora buscar uma bola de neve? Nem sequer precisa abrir a porta.

Ariel já se levantara da cadeira.

— Só preciso meter a mão através do vidro da janela disse ele. — Há muita neve acumulada no peitoril.

E foi o que ele fez. Saltou primeiro para a escrivaninha e Cecille viu-o meter a mão pela janela fechada. E, de imediato, apareceu no chão com uma bolinha de neve nas mãos. O vidro continuava intacto.

Ela arregalou os olhos.

— Fantástico!

— Agora já está contente?

— Não plenamente. Quem me dera poder sentir a neve.

— Toma — disse Ariel, atirando a bola de neve no edredom. Cecille apanhou-a com as mãos.

— Que gelado — disse ela. É a primeira vez que toco na neve deste ano.

— “Neve deste ano” — repetiu Ariel. — Soa quase a “fruta da época” ou “frutos do mar”.

Cecille levou ao rosto a bola de neve, que começava a derreter. Logo a seguir, colocou-a dentro do copo que estava na mesa-de-cabeceira. Ariel sentou-se na cadeira.

— Eu nunca senti a neve — disse ele levemente amuado. — Sei que nunca poderei fazê-lo. Nunca!

— Está dizendo tolices. Acabou de tocar nela.

— Sim, mas nada senti. Os anjos nada sentem, Cecille.

— Não sentiu que ela era fria?

Ariel mostrou um ar desalentado:

— Não tem graça nenhuma brincar contigo, se não aprende depressa! Tocar numa bola de neve é para nós a mesmíssima coisa que agarrar num pensamento. Você também não se recorda com precisão de como era a neve do ano passado.

Cecille abanou a cabeça e Ariel perguntou:

— O que sente quando segura numa bola de neve?

— Frio... gelado.

Ela fez um grande esforço:

— Pica na pele e faz comichão como hortelã-pimenta forte. Dá vontade de retirar a mão e a pele fica arrepiada. Mas, ao mesmo tempo, é muito agradável.

Enquanto Cecille falava, Ariel inclinou-se para ela.

— Nunca provei hortelã-pimenta — disse ele. — E jamais senti a pele arrepiada.

Cecille compreendia agora que era tão difícil para Ariel entender as coisas terrestres como para ela as coisas celestiais e disse:

— Que sensação desagradável deve ser tocar numa coisa que não se sente! O que mais detesto, é ser anestesiada pelo dentista.

— “Anestesiada pelo dentista” — repetiu ele.

— Mas deve ser ainda pior ter uma anestesia total. Nesse caso, vocês não sentem que vivem.

O anjo adquiriu uma expressão indecifrável e perguntou:

— Sente a bola de neve em todo o corpo?

Cecille riu-se:

— No cabelo, não. Nem nas unhas.

— Mas sente onde tem pele e isso acontece praticamente em todo o corpo. Trata-se de um fato mágico que reveste a carne e os ossos e proporciona aos seres humanos sentirem o meio ao seu redor. Consegue entender como isso é possível?

— Um fato mágico?

— A tua pele, Cecille, refiro-me a esse tecido fino com ramificações nervosas. Deus criou o Mundo de uma forma tão inteligente, permitindo que a obra da Criação fosse sentida. Concorda que Ele foi esperto?

— Talvez...

— Os seres humanos têm a mesma sensibilidade em todo o corpo?

Ela refletiu:

— Tenho mais cócegas numas partes do corpo do que noutras. É muitíssimo agradável quando me fazem cócegas em certas partes do corpo. Às vezes é tão agradável que até chega a doer. Faz idéia de que algo quase pode doer de tão agradável que é?

— “Faz idéia de que algo quase pode doer de tão agradável que é?”

— Está me imitando novamente.

Ariel discordou:

— Estou simplesmente tentando entender o que diz. Como é igualmente possível uma coisa doer tanto a ponto de tornar-se agradável?

— Não...

— Desculpa a pergunta. Os anjos desconhecem o que é a dor.

— É verdade que são tão insensíveis como a terra e as pedras?

Ariel acenou solenemente com a cabeça:

— É verdade!

— Não sei o que é preferível.

— Ser pedra ou anjo?

— O que quero dizer é que, se eu nada sentisse, jamais sentiria dor. Talvez o melhor fosse estar totalmente anestesiada.

— Se formos ver bem, do que você não gosta é do dentista e não da anestesia local.

Cecille concordou:

— Mas acho um pouco difícil crer que os anjos não distingam o agradável da dor.

Por um triz, ela não repetiu que duvidava da existência dos anjos. E apressou-se a acrescentar:

— Porque não tens asas.

Ariel riu:

— “Asas de anjo” não passa de uma velha superstição dos tempos em que as pessoas acreditavam que o mundo era plano como uma panqueca e

que os anjos voavam, num vaivém, entre o Céu e a Terra. Não é assim tão simples.

— Como é, então?

— Os pássaros, que são de carne e osso, precisam de asas para voar. Nós, no entanto, somos puramente espírito e não necessitamos de asas para nos deslocarmos através da obra da Criação.

Ela sorriu.

— É mais ou menos como os meus pensamentos, que não dependem de asas para voar pelo mundo.

Cecille mal tinha acabado de falar e Ariel já saíra da cadeira, levitando pelo quarto como um balão. Cecille acompanhou-o com o olhar.

— Que estilo! — exclamou. — Deve ser uma sensação fantástica.

Ele voltou a pousar no chão, diante da estante.

— Não sinto nada.

— Deve ser uma sensação esquisita. Deve ser estranho não sentir nada.

— Ao contrário do que acontece quando tem uma bola de neve na mão, os seus pensamentos não sentem o que pensam.

Ele levantou os novos esquis e colocou-os à frente dela:

— É bom esquiar?

Cecille fez sinal que sim:

— Em breve, irei experimentá-los...

— Deve ser uma experiência “fria”, especialmente quando vocês caem sobre a neve. Não fica com o sabor arrepiante a hortelã-pimenta forte por todo o corpo?

— Isso não acontece, se tivermos roupa suficiente. O que sentimos é a

neve fofinha como algodão. Às vezes, tiramos os esquis e fazemos anjos de neve. É super legal!

Ariel colocou os esquis no seu lugar e disse:

— Apreciamos muito que façam isso. Prova também que as crianças humanas estão próximas das crianças de Deus, no Céu.

— Verdade?

O anjo respondeu solenemente:

— Em primeiro lugar, porque fazem anjos, em vez de fazerem outra coisa totalmente diferente. Em segundo lugar, porque é um divertimento para vocês. Os anjos gostam de coisas divertidas.

— Não te parece que os adultos gostam de coisas divertidas também?

Ariel encolheu os ombros.

— Já viu um esquiador adulto jogar-se na neve funda para modelar anjos?

Cecille respondeu:

— Uma vez a vovó fez precisamente o que está dizendo.

— Então, está vendo!

— O quê?

— É evidente que ela não perdeu o contato com a criança que há nela.

Ariel volta a esvoaçar pelo quarto. Ao pousar na cadeira diante da cama de Cecille, disse:

— Lamento dizer isto, mas esta conversa não anda nem desata.

— O quê?

O anjo suspirou de desalento:

— Este é um raro encontro entre a Terra e o Céu. Eu estava para te contar muitos dos segredos celestiais, se explicasse o que é ser de carne e osso.

Cecille achava que Ariel repetia as coisas e estava a ficando extenuada, dizendo:

— É aborrecido ficar sempre deitada.

O anjo concordou:

— Até agora, esta não foi a minha vigília mais divertida.

— Vamos para a sala? Estive lá apenas durante a entrega dos presentes...

— “Vamos para a sala” — repetiu Ariel — Para mim, está bem. É ainda noite de Natal.

— Pode ajudar-me a descer?

— Com certeza.

— Consegue levantar-me?

— Para nós, os seres humanos são imponderáveis.

— Então, leva-me para baixo.

Ariel meteu o braço por baixo do corpo de Cecille e levantou-a da cama. Quando o pai a levantava, era muito diferente: respirava e ofegava como um vendaval. Apesar do anjo ser menor do que ela, nos braços dele, Cecille sentia-se leve como uma pena.

Pé ante pé, abandonaram o quarto e desceram a escada até o andar de baixo. O avô já não estava fumando charuto no vestíbulo. Se ele estivesse lá, poderia ver o anjo Ariel? Ou imaginaria ele que Cecille levitava?

À exceção da luz acesa sobre a poltrona, a sala estava quase toda às escuras.

— Costumam deitar-me no divã — disse ela.

O anjo colocou-a suavemente no divã vermelho e Cecille elevou os olhos:

— Eles apagaram as luzes da árvore de Natal! Que estupidez!

O fio foi ligado à tomada instantaneamente. Ariel colocou-se diante da árvore de Natal, de braços estendidos. As luzes acesas encheram a sala com a atmosfera natalícia.

— Foi rápido — disse ela. — Faz-me lembrar um espírito luminoso que realiza todos os desejos... Está vendo como a árvore é linda?

Com um ar solene, ele disse:

— Parecem-se com as luzes do Céu.

— É mesmo? Foi uma coisa em que sempre pensei. Usam também algodão por lá?

— As luzes celestiais são as estrelas e os planetas — explicou Ariel. — Os planetas estão envolvidos por diversos gases. Não acha que é por esse motivo que o algodão serve para decorar as luzes da árvore de Natal?

— Nunca pensei nisso. Todos os anos temos sempre grandes discussões por causa do algodão. A mãe e a avó detestam, mas este ano não se atreveram a contrariar-me.

— Ao menos, há uma estrela na parte superior da árvore.

Cecille elevou os olhos:

— A que tínhamos antes desapareceu sem mais nem menos. A propósito, esta está um pouco de lado...

O anjo elevou-se logo para o topo da árvore. Cecille arregalou os olhos. A árvore fora decorada com anjos de papel, brancos e dourados, e, agora, era um anjo verdadeiro que voava à sua volta.

— Já está direita.

— Acho que sim... Não desça ainda. É tão bonito ver-te flutuando de um lado para o outro.

Ariel permaneceu bem junto ao teto e ficou equilibrado a um metro acima da mesa da sala.

— Quem me dera poder voar! — disse Cecille. — Se pudesse voar, deixaria tudo para trás.

O anjo apontou para um grande prato de bolos e de doces de marzipan.

— Eles não retiraram o prato dos bolos.

— Não, sirva-se à vontade.

Ariel contornou o prato e disse:

— Seria bom, se eu pudesse.

— Claro que pode. Nem faz idéia a quantidade que eles fizeram.

Ariel suspirou fundo:

— Já te disse que os anjos não comem. Nós não podemos comer.

Ele suspirou mais uma vez.

— Ah... tinha-me esquecido.

— Os tempos chegam, passam e uma geração sucede a outra. É assim que novas mesas são constantemente postas com diversos tipos de comida e bebidas.

— Mas, no Céu, os anjos jamais hão de compreender o qual é efeito dos prazeres terrestres.

— Pode passar-me um bolo de canela?

Ariel desceu e tirou um bolo de canela. Depois atravessou o quarto

voando e entregou-o a Cecille. Enquanto ela mordiscava o bolinho, ele pairou sobre o sofá onde Cecille estava estendida.

— É muito engraçado ver comer — disse ele.

— Por quê?

— Os seres humanos levam qualquer coisa à boca, dão estalidos, mastigam sem parar e saboreiam primeiro, antes da transformação em carne e sangue.

— Mas é assim mesmo!

— Quantos sabores diferentes existem?

— Não faço idéia. Não me parece que alguém tenha feito um catálogo completo.

— Qual é a coisa de que mais gosta?

Cecille refletiu bem:

— Talvez morangos... morangos com sorvete.

Ariel virou os olhos:

— Parece um pouco estranho que levem à boca bocados frios de hortelã-pimenta. Não ficam com a sensação de arrepio e com cócegas por dentro?

— Diz isso com um ar misterioso. Mas é certo que, às vezes, faz cócegas no fundo da barriga. É uma sensação agradabilíssima!

Ariel continuou a levitar sobre o divã. Algumas vezes recuava alguns centímetros, outras, aproximava-se de Cecille.

O anjo apontou para a mesa:

— Há morangos na travessa!

Ela riu:

— São os morangos de marzipan do meu irmão Lasse.

— Difere muito do sabor dos outros morangos?

— Muitíssimo. Mas ambos podiam constar do catálogo de sabores excelentes.

Cecille olhou para os olhos do anjo penetrantes e cor de safira.

— Consegue explicar a diferença entre um morango comum e um morango de marzipan? — indagou Ariel.

Ela estava ainda a mastigar o bolinho de canela. Olhou para o prato dos morangos de marzipan e, respirando fundo, replicou:

— Um morango do campo é, ao mesmo tempo, doce e ácido e, obviamente, vermelho. No entanto, se comeres um morango de marzipan, ele é também vermelho devido ao uso de corantes artificiais, mas tem o excelente sabor de marzipan, seco e doce.

— “o excelente sabor de marzipan, seco e doce ...”

— Sabia que o marzipan é feito de amêndoas? Por serem secas é que digo seco e doce. O doce provém do açúcar refinado, em pó.

Lambendo umas migalhas de bolo que estavam na mão, ela acrescentou:

— Agora que estou doente, nada me apetece. Mas, por ser Natal, acho que lhes devo dedicar um pensamento.

Consternado, Ariel abanou a cabeça:

— Não fiquei mais sábio com a descrição. Os sabores e outras coisas assim são um mistério inconcebível para os anjos.

— Mas não para Deus, porque foi Ele quem nos criou.

Ariel aproximou-se e pousou sobre as pernas de Cecille. Não pesava absolutamente nada. Ela nem sequer sentiu o seu toque nem qualquer

comichão.

— Nem sempre compreendemos o que criamos — disse ele.

— Porque não?

— Você pode desenhar ou pintar algo no papel. Mas isto não significa que entenda o que está lá.

— É totalmente diferente. É inanimado.

O anjo sacudiu a cabeça energicamente:

— É justamente esta a parte estranha.

— O quê?

— Que vocês sejam seres animados.

Cecille elevou o olhar para o teto:

— Tem razão. Deus não entende o que é estar doente na noite de Natal...

Ariel interrompeu:

— Podemos voltar a falar de Deus um pouco mais tarde. Mas você vai contar agora o que é ser humano, de carne e osso.

— Pergunta, então! Pergunta o que quiser.

— Falamos de sabores. Mas o olfato é igualmente inexplicável; o nariz nem sequer precisa de estar na proximidade daquilo que os seres humanos cheiram. Que são estas “fragrâncias” que pairam na obra da Criação?

— Você também não sente o cheiro da árvore de Natal, não é?

Resignado, ele suspirou:

— Os anjos não possuem sentidos, Cecille. Esta não é uma lição de cristianismo, mas já é tempo de aprender.

— Desculpe.

— Que cheiro tem a árvore de Natal?

— Verde... ácido e fresco... em leve decomposição e, ao mesmo tempo, adocicado. Eu diria mesmo que a árvore de Natal cria metade da atmosfera natalícia. O chucrute e o incenso vêm em segundo e terceiro lugares. Em quarto lugar fica o charuto do avô que, às vezes, pode ser em excesso.

— As luzes emanam cheiro?

— Não, nem por isso.

— Quer dizer que não sabe ao certo?

— A árvore emite um aroma diferente se está decorada com luzes que se acendem. É um cheiro suave que tem grande significado para a atmosfera do feriado.

— Bem, bem. Não me parece que vá adiantar mais nada com os aromas do que com os sabores. Há também um sem fim de fragrâncias.

— É perfeitamente possível, mas não me parece que os seres humanos tenham um bom olfato. Talvez consigam distinguir uma centena de fragrâncias, enquanto os sabores serão uns milhares. Os cães têm um olfato mais apurado. Penso que eles distinguem vários milhares de odores, o que não admira, porque metade do focinho é um enorme nariz.

— Afinal, não se explica nada mal. Pode falar da vista.

— Vê o mesmo que eu vejo?

Ariel saiu do sofá, atravessou o quarto pelo ar, sentando-se na poltrona verde. Ele parecia afundar-se nela, de tão pequeno que era. E disse então:

— Mas eu não vejo da mesma maneira que você. Não sou de terra nem de água. Não sou um bocado de barro com vida.

— Que idéia tem de si?

— Pode chamar-me uma presença espiritual.

— Vê-me?

Sacudindo a cabeça, o anjo respondeu:

— Encontro-me simplesmente aqui.

— Eu também. E vemo-nos um ao outro, não é certo?

Ele desvaneceu-se.

— Quer dizer que vê enquanto sonha.

— Quando sonho, vejo muitas vezes as coisas com nitidez.

— Mas não com os olhos?

— Não. Quando durmo, os olhos estão fechados.

— Então, talvez entendas que há várias maneiras de ver. Umas pessoas são cegas e têm de usar a visão interior. É essa mesma visão que utiliza nos sonhos bonitos.

— “Visão interior”?

Ariel continuou:

— É totalmente diferente quando pestaneja e utilizas as lentes vivas para captar a natureza à sua volta. Os olhos ficam irritados ao descascar uma cebola ou quando uma partícula entra nos olhos. No pior dos casos, pode cegar por completo. Mas nada pode danificar a visão interior.

— Porque não?

— Porque não é de carne e osso.

— De que é, então?

— De espírito e reflexão.

— Isso quase mete medo.

Ariel apoiou os braços na poltrona e, sentado lá no fundo, parecia ser ainda menor. Então disse:

— Acho mais inquietante que dois olhos vivos, derivados de átomos e moléculas, possam ver tudo o que os rodeia. E podem mesmo contemplar o universo e ter uma idéia do esplendor celestial. Essas bolas vidradas com que vocês vêm estão em estreita ligação com os olhos de peixe.

— A forma como se exprime, torna tudo extremamente misterioso.

Ariel fez um gesto de protesto e continuou:

— Não mais misterioso do que é. Há milhares de anos, um determinado tipo de peixes foi dotado de um par de barbatanas, como meio locomotor. Os pequenos anfíbios subiram para terra e olharam à sua volta em busca de alimento. Presentemente os seres humanos podem vislumbrar milhares de anos-luz pelo Universo, com os mesmos olhos que outrora não viam outras estrelas a não ser estrelas-do-mar e ouriços. Pode até olhar um anjo do Criador nos olhos, sentado num sofá vermelho.

Cecille riu-se:

— Acho que é realmente estranho pensar em tudo isto.

— Se Deus não tivesse criado os órgãos da visão, a obra da Criação nunca seria partilhada convosco. O Jardim do Éden continuaria nas trevas.

— “Nas trevas” — repetiu Cecille, com uma entoação muitíssimo triste.

— Cada olho é um pontinho do mistério divino — continuou Ariel. — A visão é o ponto de encontro entre a matéria e o pensamento, é o portão entre o Céu e o espírito. Os olhos humanos são o espelho onde o espaço criativo da consciência divina encontra o espaço criado no exterior.

Cecille interrompeu-o:

— Parece que não compreendi a última parte.

E o anjo Ariel explicou:

— Certos anjos são de opinião que cada olho que vê a obra da Criação é o próprio olho divino. Quem disse que Deus não tem vários bilhões de olhos? É provável que Ele tenha polvilhado bilhões de pequenas células fotoelétricas pela Criação para que possa a qualquer momento contemplar a Sua própria obra, de bilhões de diferentes ângulos. Os seres humanos não podem mergulhar a centenas de metros abaixo do nível da água, razão pela qual Ele também dotou os peixes com olhos. As pessoas não podem voar, mas há sempre um enorme bando de pássaros atentos ao que se passa aqui embaixo. E não é tudo...

— Continue.

— Uma vez ou outra, acontece que um ser humano ergue o olhar para a sua origem celestial. É como se Deus se visse no espelho.

Cecille suspirou.

— Céu e mar! — exclamou.

— Sim, como o céu e o mar.

— O quê?

— Como o céu se reflete no mar, Deus também pode refletir-se nos olhos dos seres humanos. Os olhos são o espelho da alma e Deus pode espelhar-se neles.

Cecille estava bastante impressionada:

— Se tudo isso não é heresia, você deveria ser padre.

Ariel sorriu com um ar maroto:

— No Céu, não ligamos muito para essas coisas. Sempre soubemos que a obra da Criação é um grande mistério e um mistério é para ser desvendado.

Ela encolheu os ombros:

— Quando se torna tão solene, sinto um arrepio pela espinha acima. Pode ser o efeito da febre. Tem mesmo de continuar a falar dos sentido?

— Só faltam mais dois. Gosta de canto e música?

— Agora prefiro ouvir os cânticos de Natal de Sissel Kirkjebo. Antes de você aparecer, achava que ela fazia lembrar um anjo. Mas agora percebo que o “cabelo de anjo” só confirma a sua descendência dos macacos. Há quem diga que eu me pareço com ela.

— Ah, sim?

— Que acha?

— Posso ver a semelhança.

— Já a viu?

— Não foi possível evitar que isso acontecesse.

— De que sentido estamos falando?

Ariel riu-se:

— É mesmo legal falar contigo, Cecille! Perguntei-lhe se gostava de música, para que me explicasse o que é ouvir. Para os anjos, é absolutamente inacreditável que carne e osso possuam esse dom.

— É assim tão esquisito?

— Não acha estranho o chilrear sonoro dos pássaros, fazendo-se ouvir a quilômetros de distância? Aqueles novelinhos são como flautas cheinhas de vida que não param de tocar. E não é menos espantoso que as minhas palavras cheguem até você.

— Volto a achar que está acentuando as diferenças entre os anjos e nós. Você também consegue ouvir o que digo.

Ariel suspirou profundamente:

— Se voltar a fazer a comparação entre nós, pelo simples fato de querer tornar tudo mais fácil para você, ponho-me procurar outro paciente. Há muita gente doente que nunca teve a visita de um anjo.

Cecille apressou-se a retomar a palavra:

— Quer dizer que não ouve com ouvidos como os meus, mas que trocamos apenas pensamentos...

— Sim, algo do gênero. Desculpa ter falado de outro paciente. Não tem culpa de entender apenas uma parte. Você vê tudo através de um espelho, através de um enigma.

— “Através de um espelho, através de um enigma...”

— Foi a sua vez de imitar-me — disse Ariel.

— Não fiz outra coisa senão saborear as palavras!

— O Mundo foi outrora deserto e vazio — concluiu Ariel. — E, com o decorrer do tempo, adquiriu a capacidade de escutar os seus próprios sons. Durante milhões de anos, relampejou, trovejou, o mar bateu contra os rochedos e os vulcões cuspiram torrentes de lava com enorme violência. Mas ninguém ouvia o que quer que fosse. Hoje em dia, este planeta consegue ouvir os seus próprios sons. Vênus ou Marte nada ouvem. Se tudo ficar silencioso, basta escutar um concerto de órgão de Johann Sebastian Bach. Mas ainda prefiro os grandes concertos ao ar livre. E os mais belos sons deste planeta viajam em efervescência pelo espaço celeste. Isto para não falar nos concertos radiofônicos! O planeta toca a sua própria música. Em redor de um sol incandescente da Via Láctea, gira um pequeno planeta musical.

— Talvez devesse ser poeta — sugeriu Cecille. — Mas não de estilo antiquado.

— Antes queria ser cientista. É que não entendo muito bem o que se passa quando vocês falam uns com os outros; saem da boca palavras invisíveis que penetram através de um canal apertado, acabando por fundir-se no cérebro numa massa gelatinosa.

O que o anjo descrevera era o que estava a se passar agora mesmo. As suas palavras estranhas fundiam-se no cérebro de Cecille, transformando-se em pensamentos. Ela refletia sobre o que acabara de ouvir e Ariel retomou a conversa:

— É também admirável que os seres humanos formem palavras na boca. Umas vezes elas fluem a toda a velocidade e parecem sair sem ajuda. Não é verdade que vocês dizem coisas sem refletir nelas?

Cecille baixou o olhar:

— Nem sempre pensamos no que fazemos. Quando corro para a escola, não penso que estou correndo. Não tenho tempo de pensar como devo mexer as pernas, ou arrisco-me a tropeçar. Quando falamos uns com os outros, acontece o mesmo. Por vezes, tropeçamos nas palavras.

— Vocês precisam de conter a respiração e expirar depois. Isto acontece automaticamente?

— Acho que sim.

— Parece pavoroso. Bastaria que não respirassem uma só vez e o coração deixaria de bater. E, se deixasse de bater...

— Deixe disso! — interrompeu Cecille. — Felizmente não temos de pensar em tudo.

Ele tapou a boca com a mão:

— Desculpe. Estávamos falando da formação das palavras invisíveis na boca, antes de saltarem da boca para o ouvido. É verdade que os seres humanos têm vozes absolutamente distintas?

Cecille disse que sim:

— Quando a minha mãe pergunta “Dormiu bem?”, ela emite um som diferente da voz do meu pai ou da minha avó ao fazerem a mesma pergunta. Mesmo com a cabeça debaixo do edredom, consigo reconhecer quem está falando comigo. Cada palavra é pronunciada de forma desigual pelas diversas pessoas. Com os instrumentos musicais passa-se o mesmo. Se um clarinete e

um violino usarem a escala de dó, emitirão sons diferentes. Li também que dois instrumentos nunca emitem sons idênticos. O mesmo acontece com as vozes humanas.

— Isto só comprova que a voz e o ouvido são instrumentos muito sensíveis.

— Mesmo com a janela fechada, consigo ouvir o vento soprar na rua ou o carteiro a aproximar-se de bicicleta. Deve de ter visto quando ele deixou cair a bicicleta...

— Eu estava à janela contigo.

— Pelo visto, estás em todo o lado... Às vezes, quando a casa está em silêncio, consigo ouvir a neve cair lá fora.

Cecille esticou o braço, como se fosse um golpe de esgrima:

— E consigo ver com os ouvidos.

— Que bobagem!

O anjo Ariel mostrou-se constrangido:

— Apesar de estarmos falando de coisas estranhas, isto não quer dizer que eu seja louco.

— Mas é verdade. Quando estou deitada na cama, pelos sons que chegam até mim, consigo perceber o que eles estão fazendo e como vão as coisas lá em baixo.

— Se é assim, tens um tantinho da vista de anjo.

Cecille levantou-se do sofá:

— Sempre achei que acentuava a diferença entre os anjos e os seres humanos!

— O que é ainda mais inexplicável, se tomarmos em consideração as nossas origens diferentes. Os seres humanos resultam da fusão de milhões de

moléculas num planeta ao acaso do espaço celeste, e estão apenas de passagem. Não obstante, saltitam pela obra da Criação com pezinhos de lã. No entanto, falam, riem e têm pensamentos tão inteligentes como os anjos, no Céu.

— Também não acha esquisito ser anjo?

— Já falamos disso antes. A diferença é que existimos eternamente e sabemos que jamais cairemos no vazio à semelhança de uma bola de sabão quando rebenta. Existimos simplesmente, Cecille. Somos e seremos como sempre temos sido. Vocês vêm e vão...

O anjo suspirou profundamente.

— Quem me dera ter dedicado mais tempo a meditar sobre a vida.

— Nunca é demasiado tarde voltar atrás.

— Não sei por que, mas de repente fiquei triste...

Ariel interrompeu-a:

— Não se entristeça! Mas que coisa! Às vezes, fico com a impressão de que os seres humanos não param de queixar-se e lamentar-se.

— É fácil falar assim!

— Só falta um sentido. Apesar de mais vago, nem por isso deixa de ser menos misterioso.

Cecille limpou uma lágrima:

— Não me lembro do nome do quinto sentido... tato?

Ariel fez-lhe sinal que sim.

— Já falamos da camada fina de pele e penugem que cobrem a carne e os ossos, de cima a baixo. Para saborear os alimentos, há a língua. Mas, em certa medida, conseguem saborear com todo o corpo. O paladar revela-se através do frio e do calor, se uma coisa é líquida ou sólida, lisa ou áspera...

— Isso não me parece estranho.

— Essa é a coisa que mais intriga um anjo. As pedras à beira-mar não sentem a fricção de umas contra as outras, quando as ondas se lançam com ímpeto contra a praia. Uma pedra não sente quando lhe toca. Em contrapartida, você sente a pedra.

— Reparou bem na minha coleção de pedras? Umas foram compradas por mim, outras foram-me oferecidas, mas a maioria achei na praia. Numa “praia desconhecida”.

— Quer dizer, em Creta?

Cecille quase se sentiu traída:

— Também sabia?

— Várias vezes enquanto dormia, admirei as tuas pedras. — Mas nunca chegarei a entender o que é senti-las com as mãos.

— Então, perde algo fundamental. Algumas são tão redondinhas e lisas que dá vontade de rir.

Ariel levantou-se da poltrona verde, dirigindo-se para o teto. Ao elevar-se, disse:

— Já falamos dos cinco sentidos...

Cecille interrompeu:

— Mas há ainda um sexto sentido.

— Ah, sim?

— Há quem diga que existe um sexto sentido que faz com que percebamos coisas que os cinco sentidos não captam, por exemplo, adivinhar o futuro. Ou saber onde foi que alguma coisa se perdeu. Mas outras pessoas consideram isso uma superstição.

Ele acenou, com um ar misterioso:

— É talvez esse sentido que permitirá, um dia, encontrar a velha estrela de Natal.

— Sabe onde ela está?

— Vamos ver...

Cecille estava a pensar no Natal e disse:

— Será que a própria atmosfera natalícia não terá correlação com o sexto sentido? Pode ser que sejamos mais parecidos com os anjos na época do Natal do que no resto do ano. De uma forma ou de outra, o Natal engloba todos os sentidos. Eu cheiro, saboreio, vejo e ouço o Natal e apalpo os pacotes para adivinhar o seu conteúdo.

A face de Ariel brilhava:

— “O seu conteúdo”. Também quero falar sobre isso.

— Sobre o conteúdo dos presentes de Natal?

— Não, sobre o que está dentro de ti.

— Mas que coisa desagradável!

— É curioso.

— O quê?

— Que ache desagradável falar da matéria de onde provém. Se uma pedra não quisesse conceber a idéia de que era pedra, seria uma pedra desditosa, porque sentiria repulsa de si própria durante milhares de anos, até desagregar-se em saibro e areia. Mas os seres humanos não vivem muito tempo.

— Vamos falar do que se passa dentro de nós, mas sob uma condição.

— Que condição?

— Que quando chegar a sua vez, me conte as coisas maravilhosas do

Céu.

— Os anjos nunca quebram promessas.

— Claro que não. Senão, eu perderia a confiança em tudo.

— Talvez me possa esclarecer uma coisa que abordamos muitas vezes no Céu, sem que cheguemos a uma conclusão. É um pouco delicado, mas...

— Pergunte!

E, tomando coragem, Ariel perguntou:

— Vocês sentem o sangue correr pelas veias?

— Sim, quando sangramos ou fazemos análises de sangue. É quando o sangue sai...

— Que sensação é?

— Às vezes dá comichão e, depois, arde.

— Mas não sentem a carne e os ossos dentro de vocês?

Cecille abanou a cabeça:

— Julgo que fomos criados, de forma a não sentir o que está sob a pele. A pele permite-nos o contato com outras pessoas, mas, felizmente, não precisamos apalpar o nosso próprio corpo.

— Alguma coisa devem sentir.

Cecille refletiu um momento e fez sinal que não.

— Enquanto temos saúde, nada sentimos. Apenas quando temos dores...

— Dores?

— Quando pica... lateja... ou arde.

Ariel abriu os braços, deixando transparecer desalento:

— “pica ... lateja... ou arde ...”

Cecille perguntou:

— Nunca deste um beliscão no braço?

— Não, nunca.

— Devia experimentar ou nunca saberá se realmente está acordado.

Cecille viu que Ariel tentou beliscar o braço, mas sem qualquer sucesso. Então ele disse:

— Os anjos não conseguem beliscar o braço. Nada sentimos.

Cecille estremeceu:

— Nesse caso, não sabes se é verdadeiro.

Por uma fração de segundo, Ariel pareceu ter desaparecido. Ou talvez Cecille tivesse apenas pestanejado.

Quando regressou, disse:

— Tem de voltar depressa para a cama.

— Por quê?

— São sete horas. O despertador vai tocar dentro de segundos. Pronto, já está tocando...

Quando acordou, Cecille sentia o corpo pesado. Lá fora estava limpo e claro como é frequente no Dia de Natal.

Ela tinha uma vaga recordação do que se passara na noite anterior: Ariel levava-a no colo para a sala e trouxera-a mais tarde para o quarto quando o despertador do quarto dos pais tocou.

— Ariel! — murmurou.

Mas não obteve resposta. Provavelmente o anjo só iria aparecer à noite...

A um toque da campainha que estava na mesa de cabeceira, a mãe apareceu imediatamente e com a mesma rapidez com que Ariel acendera as luzes da árvore de Natal. A mãe aparecia como se fosse um espírito luminoso.

— Com que então, já acordou?

A mãe ajoelhou-se perto da cama:

— É quase uma hora. Esteve dormir direto?

Cecille respondeu que não:

— Como está?

— Estive olhando em volta e a ouvir os sons. Se escutarmos atentamente, uma casa tem também sons à noite. Às vezes, até ouço nevar lá fora.

— E o que é que viu?

— Vi uma luz tão bonita que entrava pela janela...

— Poderia ter tocado a campainha.

— Estive pensando em muitas coisas.

— Teve dores?

— Não... Nem por isso.

— O que é que sente?

— Vai começar você também?

— O quê?

— Não, não foi nada. Sinto-me sem forças...

— Quando vim aqui às sete horas, dormia como uma pedra.

— Oh, mãe! As pedras não dormem.

— Enquanto dormia, sorria.

— As pedras tampouco sorriem... Eu tinha acabado de adormecer quando veio até aqui.

— Acha mesmo que foi assim?

— Pelo menos, ouvi o relógio tocar.

A mãe pousou a mão sobre a testa de Cecille.

— A Kristine chegou e está lá em baixo a provar os doces de marzipan que o Lasse fez.

— Bom proveito!

— Que quer dizer com isso?

— Não me apetece marzipan. Será que de repente se tornou senil?

— Não, espero que não.

— Diz-lhe para subir. As injeções já não me metem medo.

— Mas vamos primeiro ao banheiro.

— Mas mamãe...

— Sim?

— Kristine não pode dar-me a injeção e ir embora?

— O quê?

— Vocês andam sempre a perguntar-me como estou e outras coisas. Já

não suporto essa lengalenga. Além disso, hoje é Dia de Natal.

— É provável que tenha de observar-te.

— Mas tem de ficar aqui. Promete-me que a leva daqui para fora se ela começar com essas conversas. É que já nem sei o que responder.

— Vou tentar.

— Oh, mãe. Prometo que vou ficar boa.

— Sim, claro que vai.

— Mas sou eu que digo que estou melhorando. Se são vocês, até fico pensando que o que querem é aborrecer-me.

— Sua brincalhona!

Cecille olhou para a mãe.

— Está chorando?

A mãe levou os dedos aos olhos.

— Não...

— Mas tens lágrimas nos olhos.

— É que estive cortando cebolas.

— Outra vez?

Depois de Cecille tomar os medicamentos, as pessoas da casa vieram, uma a uma, vê-la no quarto. Lasse tinha estado lá for a experimentando os esquis pelas encostas que iam dar no rio. Com o rio gelado nem se ouvia a água que corria por baixo. Alguns rapazes patinavam na parte mais larga do rio.

O pai chegou com um novo número da revista Ciência Ilustrada. No primeiro número que Cecille lera, havia um artigo sobre minerais e pedras decorativas que se intitulava “As montanhas são o tesouro do mundo”. Ela

leu também outros artigos e tornou a pedir mais coisas para ler. Mas isso fora há muito tempo. Agora só lia um pouco de cada vez.

O avô insistiu em falar de Creta onde toda a família tinha ido passar férias. Foi por essa altura que tiveram conhecimento da doença. Cecille não se lembrava se fora antes ou logo depois da viagem. Já tinha ido algumas vezes ao médico....

Todos acharam que aquelas tinham sido umas férias maravilhosas. Foram catorze dias em que tomaram banhos de sol e freqüentaram restaurantes com empregados simpáticos, enquanto naquela altura, na Noruega, as outras pessoas iam à escola ou trabalhavam. Uma vez, foram até à ilha vulcânica de Santorini e visitaram a enorme cratera deixada pela erupção vulcânica há 3500 anos. Nessa altura, metade da ilha afundara-se no oceano. Foram também até à cidade de Thera por um caminho escarpado, montados em mulas. Mais tarde, tomaram banho numa praia de areia negra como carvão, proveniente da lava, e a água quase que escaldava de tão quente que o sol estava.

Algumas tardes passearam todos juntos pela extensa praia de calhau à procura de pedras bonitas. Mas tinham de prestar atenção às ondas que arrebatavam ruidosamente, fazendo com que os calhaus arranhassem as pernas naquele vaivém. Cecille escolheu as pedras que deviam trazer para casa. Ao todo, trouxe vários quilos. O avô fez questão em salientar que fora ele quem encontrara a pedra mais bonita.

— Que belos dias, Cecille...

Aquela viagem maravilhosa a Creta foi em finais de Setembro. Desde então Cecille nunca mais esteve completamente bem de saúde. Mas, mesmo assim, foi à escola até ao princípio de Novembro, seguindo-se umas semanas no hospital. A professora veio visitá-la umas duas vezes e falou-lhe do que acontecia na escola.

A última visita foi a da avó. Cecille ainda era pequena e ela já lhe contava histórias, de preferência, sobre a mitologia Viking. Lia também excertos do livro de mitologia de Snorre, que eram tão interessantes como quaisquer outras histórias de aventuras. Nos últimos tempos, ela lera umas

partes de uma Bíblia infantil muito antiga, do tempo em que a sua mãe era ainda pequena.

Nesse dia, a avó falara dos corvos de Odin. Um chamava-se Hugin e o outro Alunin e voavam à volta do Mundo para se inteirarem do que ia acontecendo. Hugin significava “pensamento” e Munin “espírito”.

Quando os corvos regressavam ao fim da tarde, contavam a Odin o que tinham visto. Desta forma Odin andava a par de tudo o que se passava no Mundo. Mas ele também tinha medo que um dia não regressassem mais. Para além disso, os corvos eram aves de rapina que ajudavam Odin a encontrar os mortos. Odin costumava sentar-se em Asgard num local elevado chamado Lidskjalv.

Sendo o mais sábio de todos os deuses, era também o mais sorumbático. Somente ele sabia que Ragnarok, a grande destruição, estava chegando.

A avó contou ainda muito mais coisas sobre Odin e Cecille só adormeceu ao fim da tarde. Começou por cochilar e acabou por adormecer profundamente. Acordou mais tarde com os sons do jantar que estava a ser servido no andar de baixo. Tinham certamente acabado de sentar-se à mesa, porque Cecille ouviu a mãe dizer: “Vou passar a sopa em volta da mesa, porque assim é mais fácil...”

No Dia de Natal era costume servir-se a sopa de couve-flor antes da carne de vaca.

Cecille apanhou o livro de notas do chão e folheou-o. Umas semanas antes, a avó oferecera-lhe um lindo colar de pérolas antigo que tinha herdado. Cecille escreveu:

“Quando eu morrer e o fio de prata se estragar. as pérolas hão de saltar e deslizar até ao fundo do mar em busca da madre pérola. Quando eu desaparecer, irá alguém à procura das minhas pérolas? Quem saberá que me pertenceram? Quem saberá que, um dia, o mundo esteve pendurado à volta do meu pescoço?”

Ela mordiscava a caneta de feltro, enquanto tentava lembrar da

conversa com Ariel na noite anterior. E anotou no livro o que lhe veio à cabeça:

Os anjos jamais se machucam. E isso deve-se ao fato de não terem um corpo de carne e osso de que a sua alma se possa separar. Com a natureza é diferente: tudo se estraga com facilidade. Mesmo uma montanha sofre a erosão lenta das forças da natureza, acabando por transformar-se em terra e areia. Tudo o que existe na natureza é como uma combustão lenta. Toda a obra da Criação parece de alguma forma borbulhar musgo.

Nem sempre compreendemos o que criamos. Posso desenhar ou pintar algo no papel. Mas isso não significa que percebo como é ser o que está lá. O que eu desenho é inanimado. E esta é que é a parte mais estranha: eu sou um ser animado!

Como não tinha mais nada para escrever, Cecille pousou o livro no chão e empurrou-o para debaixo da cama.

Depois deve ter adormecido, porque acordou com uma voz que lhe dizia:

— Dormiu bem?

Cecille olhou para cima e viu o anjo Ariel sentado de joelhos aos pés da cama.

— Estive aqui sempre contigo — afirmou ele.

— Mas não te vi.

Uns momentos depois ele respondeu:

— Talvez ainda não te tivesse contado, mas os anjos fazem dois tipos de visitas: O mais comum, é quando estamos presentes sem nos mostrarmos. A outra é aparecermos como está acontecendo agora.

— Mas são ambas vigílias?

— Sim, ambas são vigílias.

— Qual foi a visita que fez ao garotinho na Alemanha?

— Apenas estive lá presente.

— Não compreendo como é que tu podes estar presente no quarto sem que eu te veja.

— A explicação é fácil.

— Então conta-me como

— Se sonhasse com uma praia desconhecida, isso não significaria até certo ponto, que estive lá?

— Sim, até certo ponto...

— Mas acha que as pessoas que estavam lá te viam?

— Não, é evidente que não.

— E poderia também viajar com a agência de viagens até essa praia, mas nesse caso, como aparecia, as pessoas te veriam.

Ele olhou para ela com os seus olhos verde-azulados como safiras.

— Que idéia genial... Olha só, você me enfiou na cama antes mesmo da minha mãe acordar.

— Foi por um triz.

— Ela teria tido um choque se não voltássemos a tempo. Se calhar, ia pensar que eu me recuperara completamente e diria: “Mas que bom, Cecille! De repente ficou boa!”

Ariel riu-se:

— É muito engraçado ver-te dormir.

— Os anjos nunca dormem?

Ele fez-lhe sinal que não:

— Nós, os anjos, não fazemos a menor idéia do que é o sono. E você?

— Para ser sincera, também não...

— Mas alguma vez já sentiu o que se passa na tua cabeça quando está prestes a adormecer?

Ela encolheu os ombros:

— Desligo-me de tudo.

— Não entendo como ousa fazer uma coisa dessas.

— E porque não?

— Como é que sabe se voltarás a acordar... Poderia tentar descrever o que é dormir?

Cecille suspirou levemente:

— Quando adormecemos, deixamos de estar acordados e entramos num estado de semi consciência. É por isso mesmo que ninguém sabe ao certo o que é adormecer.

— É incrível! Deve haver uma pequena revolução dentro da cabeça.

— Se esse é o caso, acontece quando já estamos adormecidos e, então, é muito tarde e está fora de questão pensar qualquer coisa do gênero: “Adormeci agora mesmo.” A cabeça é quase como uma máquina que se desliga automaticamente.

— Mas se ela se desliga automaticamente da corrente, como poderá voltar a ligar-se umas horas mais tarde.

— Que perguntas difíceis. Nós adormecemos, mas acordamos passadas umas horas. O meu pai tem um relógio dentro da cabeça. Ele acorda todas as manhãs às cinco para as sete para desligar o despertador que iria tocar dentro de cinco minutos. Mas isto é só nos dias da semana, quando ele sabe que tem de se levantar. No entanto, aos domingos dorme muito mais tempo e, nem mesmo o despertador o acorda.

O anjo Ariel estendeu os braços:

— Creio que estamos falando do maior de todos os mistérios do espaço celeste.

— Já disse isso muitas vezes.

— Não me refiro apenas ao sono.

— A que se refere, então?

Cecille levantou-se da cama e Ariel olhou-a fixamente:

— Os seres humanos surgiram a partir de átomos e de moléculas de um pequeno planeta do Universo. Têm pele, pêlos e cinco ou seis sentidos que fazem com que possam contemplar o Mundo à sua volta. Mas no interior do crânio, que é uma coisa semelhante a gesso ou calcário, há uma massa mole que os deixa dormir ou sonhar, pensar ou recordar-se de coisas.

Ela desviou o olhar para o colar de pérolas que contornava o calendário grego que tinha imagens de gatos e disse:

— Já te disse que não gosto de falar do que está no interior do corpo.

— Então vamos falar da alma, Cecille. A alma está no interior do corpo, mas não é parte integrante do corpo como o coração e os rins.

Cecille olhou de novo para Ariel:

— Fala então da alma e vê se deixa de lado o coração e os rins.

— A coisa mais misteriosa ainda é aquilo que vocês chamam de “memória”. Com ela pode, por exemplo, reconhecer uma pessoa que viu há muito tempo. Se você voltasse a encontrar aquele garçom que te fez gracinhas no cabelo na praça de uma grande cidade, não o reconheceria logo entre centenas de pessoas?

— Também estive em Creta?

Ele anuiu dizendo:

— Se você está numa sala ou em Creta, isso é irrelevante para mim. Reconheceria ou não?

— Lembro-me muito bem dele.

Ariel acomodou-se na cadeira:

— O que é que sente quando se recorda de uma coisa? Que acontece com todos os átomos e moléculas na tua cabeça? Julga que eles voltam ao mesmo lugar em que estavam quando aquele episódio se passou?

Cecille ficou boquiaberta de espanto:

— É a primeira vez que penso nisso.

Ariel estava ficando impaciente:

— Crê que os seixos da praia podem recordar como tudo estava dois minutos antes?

— Nem pensar. Nada é mais fácil de esquecer que o lugar que os seixos ocupam na praia. Além disso, as praias não se recordam de nadinha.

— No entanto, os átomos e as moléculas da tua cabeça recordam-se de coisas que se passaram muitos anos antes e, ao longo dos tempos, um número incalculável de novos pensamentos e recordações terão, entretanto afluído. Não serão os pensamentos ou recordações senão os seixos da praia da consciência?

Cecille contorceu-se:

— Você também se recorda. Disse que o meu avô teve pneumonia...

— É verdade, mas a minha alma não é constituída por centenas de milhares de átomos e moléculas.

— De que pensa que a tua alma é feita, então?

— Ela emergiu da mente divina.

Depois de refletir, Cecille disse:

— A minha alma, que é composta de átomos e moléculas talvez tenha emergido também da mente divina.

Ariel interrompeu-a nesse momento:

— Não íamos falar agora do Céu...

— Mas você prometeu falar do Céu...

— O Céu pode esperar, Cecille. Quando falamos da alma humana, falamos de algo muito próximo do Céu.

Cecille olhou para o teto:

— A minha avó diz que a alma é divina.

— Não há dúvida que a tua avó é muito sábia.

— Ela sabe quase de cor a Bíblia e o livro de mitologia de Snorre.

— Pois é! Fomos bater no mesmo.

— No quê?

— Uma parte do grande mistério é como a tua avó decora. Já pensou que o cérebro humano é uma das matérias mais misteriosas do espaço celeste?

— Só agora...

— Os átomos do teu cérebro provêm de estrelas e, sem se compreender como, tornaram-se naquilo a que se chama consciência. A alma humana sofre vibrações ao passar por um cérebro que provém de poeira salpicada pelas estrelas do firmamento. Os pensamentos e os sentimentos humanos dependem desta poeira cósmica que, por seu turno, desencadeia um sem fim de novas combinações nas ramificações nervosas.

— Quem sabe se o meu cérebro não terá poeira da estrela de Belém!

— E talvez também os teus pensamentos e as tuas recordações.

Enquanto Ariel falava, Cecille tentou ver o que se passava na rua.

— Como deve ser estranho ser um cérebro vivo do espaço celeste. É quase como um pequeno universo no interior do grande universo circundante. No teu cérebro há pelo menos tantos átomos e moléculas como as estrelas e planetas do espaço celeste...

Cecille interrompeu-o:

— E até ao fundo dos meus pensamentos é talvez a mesma distância que até às estrelas mais longínquas desse mesmo espaço celeste.

Ele concordou:

— Mas a diferença é que apenas um cérebro está consciente de si próprio e, a qualquer momento, pode julgar a sua atividade. O espaço celeste não tem essa capacidade. Não consegue erguer-se e dizer: “Eu sou eu.” Para coisa assim, o auxílio dos seres humanos é indispensável.

Cecille sorriu triunfante:

— Concordo que essa é a diferença crucial.

— Não explicou ainda o que sente quando se recorda de uma coisa.

— Já tinha me esquecido.

— Para te dizer a verdade, isso é tão interessante como a outra coisa.

— O quê?

— “Tinha-me esquecido.” Em vez da outra coisa, falemos do que é esquecer.

— Esquecer é simplesmente desaparecer.

— “Simplesmente desaparecer” — repetiu Ariel, tentando imitar a voz de Cecille.

— Mas pode voltar a aparecer de repente. Às vezes tenho as coisas “debaixo” da língua.

— “Debaixo” da língua?

— É apenas uma forma de dizer.

— Eu achava que isso não tinha nada a ver com a memória. Você não quer dizer que saboreia as palavras como se faz com os morangos, não é?

Cecille riu:

— Eu costumo dizer: “Creio que sei” e, se não for perturbada, aquilo que desapareceu em geral reaparece. O vovô diz que não devemos chorar por um pensamento que nos fugiu...

— E porque não?

— Um pensamento é como um peixe que foge do anzol, mas que emerge depois ainda mais gordo.

Ariel sacudiu a cabeça energicamente:

— Então, talvez eles até tenham razão.

— A quem está se referindo?

— Alguns anjos são de opinião que jamais chegaremos a compreender as coisas terrestres. Mas eu nunca aceitei isso. Tentei sempre compreender como é ser de carne e osso.

— Talvez não possa ajudar, quando nem eu compreendo.

Ariel subiu para o ar e, de lá de cima, disse:

— Lembra-se das minhas palavras quando te vi pela primeira vez?

Cecille refletiu:

— Estava sentado no parapeito da janela, mas não me lembro do que disse.

— “Não me lembro...”

— Não foi olá ou qualquer coisa assim?

Ele abanou a cabeça e ficou em silêncio uns momentos. Por fim, Cecille mexeu o braço:

— Espera aí! Tenho debaixo da língua...

— Joga já aqui para fora antes que volte a desaparecer.

Ariel sentou-se no mesmo lugar em que aparecera a Cecille pela primeira vez. Ela observou-o e disse:

— Não me perguntou se tinha dormido bem?

— Parabéns!

— Não foi assim tão difícil.

— Mas eu é que presenciei um grande mistério. Ao perguntar-te se se lembrava de uma coisa, disse que se esquecera por completo! Mas onde estaria aquilo de que se esqueceu?

Desanimada, Cecille deu um suspiro:

— Concordo que é estranho pensar nisso. As coisas ocorrem-me às vezes, sem mais nem menos.

— Mas diz-me, de onde?

— Da cabeça.

Daí a uns instantes Ariel perguntou:

— E aonde vão dar?

Cecille riu-se:

— Na cabeça.

— Então, é da cabeça para a cabeça e estamos falando de uma mesma cabeça. Os seres humanos não só se lembram e memorizam aquilo que vêem e ouvem e que, mais tarde, se recordam de novo. Também o cérebro trabalha sozinho e a isto se chama pensar. Dir-se-ia que é como o seixo da grande praia que anda de um lado para outro sem a ajuda das ondas.

Cecille riu-se novamente:

— Estou tentando imaginá-lo aos pulinhos de um lado para o outro.

— Um pensamento é como, por exemplo, a estrela de Natal desaparecida: pode ser posto de lado durante algum tempo, mas pode voltar mais tarde à consciência. É como um retrocesso do mesmo pensamento. Parece-me que os seres humanos muitas vezes repetem os mesmos antigos pensamentos que há muito deveriam estar resolvidos.

— Eu diria antes que os pensamentos aparecem de novo sozinhos. Nem sempre depende de nós memorizar ou esquecer uma coisa. Pensamos por vezes em coisas que não queremos. E outras vezes falamos demais e dizemos coisas sem raciocinar e isso pode deixar-nos em situações embaraçosas.

Do parapeito, Ariel não parava de fazer sinal que sim com a cabeça.

— Deve ser como suspeitava.

— O quê?

— Os seres humanos não só têm uma alma, mas sim duas ou mesmo várias. Se esse não fosse o caso como havia de explicar o fato de pensarem em coisas que não querem?

— Não sei.

— Esses pensamentos indesejáveis estão certamente controlados por algo alheio à sua consciência. Eu diria que é como um teatro em que vocês não fazem a menor idéia sobre a peça que irá ser apresentada.

— Quer dizer com isso que a alma é o teatro e que os pensamentos são os seus protagonistas que voltam ao palco constantemente para desempenhar

os diferentes papéis?

— Algo do gênero. Mas no teatro da consciência existem também com certeza muitos compartimentos e variadíssimas cenas.

Deslocando-se do parapeito para o ar, Ariel descreveu um meio-círculo e veio sentar-se aos pés da cama de Cecille, dizendo:

— É capaz de tentar descrever o que sente quando pensa?

— Eu não sinto nada.

— Não sente cócegas quando pensa numa coisa divertida? E também não sente um leve ardor ao pensar em coisas desagradáveis e tristes?

— Eu diria que sinto cócegas quando penso numa situação divertida e até um certo ardor se for uma coisa triste. No entanto as cócegas e o ardor não pertencem à cabeça, mas sim à alma e a alma é diferente da cabeça.

— Eu pensava que fazia comichão nas ramificações nervosas — replicou Ariel.

Cecille lançou-lhe um olhar em desafio:

— Também não vai me dizer que os anjos não pensam, não é?

— É claro que vou dizer isso, porque os anjos não mentem.

— Acho que agora está indo longe demais!

— Nós não pensamos como as pessoas de carne e osso. Não precisamos de raciocinar para encontrar a resposta. Tudo o que sabemos ou que podemos saber está sempre presente no consciente. Deus deixou-nos compreender apenas uma parte do grande mistério e, quando não entendemos uma coisa, mantemo-nos calados.

Cecille refletiu em tudo aquilo e disse:

— Conosco é diferente. Tentamos sempre compreender cada vez mais e, subitamente, encontramos a resposta. Os que têm mais sorte são

contemplados com o Prêmio Nobel, especialmente se tiverem feito descobertas de grande significado para a humanidade. Como o corpo cresce, também a compreensão aumenta.

— Mas vocês esquecem-se de coisas, o que significa que são dois passos dados para a frente e dois para trás.

— É possível. Mas, apesar de esquecermos algumas coisas, isso não quer dizer que elas desaparecem para sempre. Podem vir a aparecer de repente por artes mágicas.

— Aí está a grande diferença entre os seres humanos e os anjos: desconhecemos o que é esquecer e tampouco sabemos o que é recordar uma coisa. Eu sei hoje o que sabia há dois mil anos atrás. Porém, nesse lapso de tempo, a compreensão humana sofreu um aumento considerável e nem todos os anjos apreciam essa diferença abissal.

— Não sabia que os anjos sentiam inveja.

Ele riu:

— Mas não se trata de inveja profunda.

— E os vossos pensamentos são aprofundados? O meu avô fala de pensamentos profundos.

Ariel respondeu negativamente:

— Os nossos pensamentos estão sempre presentes no consciente e, por isso, nunca nos surpreendemos com sutilezas repentinas. O estado de semiconsciência não existe para nós. Em contrapartida, o nosso consciente não é um mar revolto, em que os pensamentos esquecidos voltam a surgir de repente como os peixes gordos das profundezas do oceano.

— Disse que os anjos não dormem...

— Pois não. Nós nunca dormimos e, por isso, tampouco sonhamos. Qual é a sensação? Eu não sinto nada.

Ariel explicou:

— Eu não sinto a levitação, nem o contacto com uma bola de neve...

Cecille continuou:

— Sonhar é uma forma de pensar... ou de ver. Ou talvez seja mesmo as duas coisas simultaneamente. Enquanto sonhamos, nem escolhemos o que pensar nem o que ver.

— Explique-se um pouco melhor.

— Durante o sonho, a cabeça pensa sozinha. É então que poderá falar de teatro verdadeiro. Às vezes quando acordo, lembro-me de que sonhei como uma peça de teatro ou mesmo um filme do princípio ao fim.

— Filme esse que você mesma produz, pois interpreta todos os papéis.

— De certo modo, sim.

Ariel mostrava-se agora muito entusiasmado:

— Podemos então dizer que as células cerebrais exibem a película umas às outras e que esta está no fundo da sala a ver-se projetada na tela.

— Mas que explicação estranha! “As células cerebrais exibem a película umas às outras...” Parece mesmo que estou a vê-las.

— Durante o sonho, é ao mesmo tempo os atores e a audiência. Não é misterioso?

Cecille protestou:

— Que assunto desagradável!

— Mas que experiência engraçada não deve ser! Sem que lance um único foguete para o ar, presencia no interior da tua cabeça um espetáculo pirotécnico de pensamentos e imagens. É quase um espetáculo gratuito.

Cecille anuiu:

— Às vezes é divertido e às vezes mete medo, pois nem sempre os sonhos são engraçados. Há também sonhos maus e desagradáveis...

O anjo mostrou-se compreensivo:

— Claro que é uma pena que vocês sejam importunados com esses episódios desagradáveis. Seria ideal poder desligar um sonho que não agradasse. Deveria haver uma saída de emergência na sala do cinema. Mas como a sala do cinema é a sua alma, que, aliás, escolhe o repertório, tal coisa é impossível. Os seres humanos não podem evadir-se da sua própria alma, nem morder a própria cauda. Ou será que fazem isso mesmo? Mordem-se na cauda e depois choram aos berros.

Cecille começou a roer as unhas e disse:

— Eu não gostaria que fosse assim, mas não posso escolher os sonhos agradáveis. Tenho de aceitar o que sonho. Às vezes, quando a noite acaba, acordo totalmente convencida que estive em Creta. E até certo ponto, estive lá mesmo. Porque, enquanto o sonho perdura, penso estar onde o sonho se desenrola.

Ariel examinava-a com aquele olhar determinado e cristalino como safiras:

— Exatamente.

— O quê?

— Espera aí! Vocês também acreditam que voam e atravessam portas fechadas?

— Num sonho, tudo, ou praticamente tudo, é possível. Nem sequer preciso dormir para fazer isso. Mesmo acordada, deixo meu pensamento voar: vôo pela casa... ou parto para um país estranho. Uma vez, até sonhei que estava na Lua. Eu e a Marianne encontramos uma nave espacial atrás da antiga leiteria, pressionamos um botão e lá nos pusemos a caminho.

Ariel levitava agora sob o teto e, depois de dar a volta ao quarto, voltou a sentar-se na cadeira:

— Está dentro da caixa — disse.

Cecille fez um movimento de desalento com a cabeça:

— Não estou entendendo nada.

E Ariel apontou para a testa dela e disse:

— Os seres humanos fazem com o pensamento, o que os anjos fazem com o corpo inteiro. Enquanto dormem, as suas cabeças fazem o que os anjos efetuam na obra da Criação.

Cecille sentia-se levemente atrapalhada:

— Esse pensamento nunca me ocorreu...

— E não é tudo — continuou Ariel. — Durante o sono, nada os machuca e são tão invulneráveis como os anjos no Céu. Essas experiências vêm pura e simplesmente da consciência, sem qualquer recurso aos cinco sentidos.

Cecille foi fulminada por um novo pensamento. Então endireitou-se e disse com voz determinada:

— Nessa ordem de idéias, a nossa alma é imortal. Talvez seja imortal como os anjos no Céu.

Ele moveu os ombros:

— Agora talvez entenda melhor o que é ser anjo. Temos falado sobretudo das pessoas de carne e osso, mas agora é chegado o momento de compreender um pouco mais sobre as coisas celestiais porque o Céu se reflete na Terra.

Ela fez uma nova tentativa:

— Mas a alma é divina, não é verdade?

Como Ariel não respondesse, Cecille pensou impedi-lo de desaparecer e disse:

— Prometeu que iria contar-me mais coisas.

Ariel virou a cabeça e disse:

— A sua mãe está subindo agora mesmo. Vou atravessar o espelho.

Olhando em volta, Cecille perguntou:

— A que espelho se refere?

O anjo saiu da cadeira, atravessou a sala e os contornos esmoreceram-se pouco a pouco. No momento em que desaparecia, ainda disse:

— A obra da Criação é um espelho, Cecille. O Mundo é um mistério.

Durante dias a fio o anjo não apareceu. No entanto, havia sempre um ou outro familiar sentado na cadeira diante da cama. Kristine veio quase todos os dias, apesar da mãe e da avó terem aprendido a aplicar-lhe a injeção. Nem sempre Cecille sabia em que dia estava ou que horas eram. Se estivesse com disposição, anotaria os seus novos pensamentos no livro.

Os esquis e o trenó estavam junto à parede que dava para o quarto de dormir dos pais. O Inverno ainda não acabara e estava bom para esquiar e ela estava determinada a melhorar, antes do degelo, pois não suportava ter de esperar mais um ano para esquiar.

Cecille nunca falou de Ariel a ninguém, visto que ele nada tinha a ver com o resto da família. Não obstante ser um membro da família Skotbu, ela também era um ser humano que se encontrava sozinha entre o Céu e a Terra.

Mas que se passaria com o anjo? Não tinha ele prometido que iria contar-lhe mais coisas sobre o Céu? Não tinha ele dito também que os anjos não mentem?

Será que Ariel a enganara? E não teria sido induzida a contar coisas sobre os seres humanos, de carne e osso, para logo desaparecer sem cumprir a sua parte da promessa?

Abriu os olhos quase no momento em que a mãe entrou e se sentou na cama. Cecille olhou para a mãe com um olhar vazio.

— Esteve cortando cebola de novo? — sussurrou.

A mãe fez-lhe sinal que não, mas, mesmo assim, Cecille acrescentou:

— Vocês comem cebola demais.

A mãe passou-lhe a mão pela cabeça:

— É quase meia-noite. Os outros já se deitaram há muito tempo e agora é a minha vez de tentar dormir um pouco.

— Tentar dormir?

— Não, vou tomar um comprimido.

— Não deve se habituar a essas coisas.

— Não há perigo.

Cecille olhou para a mãe:

— Tenho pensado porque é que precisamos de dormir.

— É para repousar. Há quem pense que sonhar é uma necessidade.

— Por quê?

A mãe reteve a respiração e depois expirou pesadamente:

— Não sei.

— Mas eu creio ter resposta para isso.

— Ah, sim?

— Creio que sonhamos para darmos margem à fantasia.

— Mas que imaginação você tem, Cecille.

— Há gente que sofre tanto que morreria de desgosto, se não tivesse um ou outro sonho engraçado no meio de toda a sua tristeza.

A mãe passou-lhe um pano úmido pelo rosto e vestiu-lhe uma camisola lavada.

— Não se inquiete com a minha doença. Acho que já estou melhorando.

— Talvez...

— Não foi o que a Kristine também disse?

Ela encolheu os ombros:

— O que ela disse foi que temos de dar tempo ao tempo.

— Talvez eu me levante amanhã de manhã para tomar o café-da-manhã...

— Um dia de cada vez.

— Mas prometeu que eu iria experimentar os meus novos esquis brevemente

— Ao menos, preparados eles já estão! Toca à campainha mesmo que seja só para conversar, e o pai virá imediatamente fazer-te companhia.

— Não é necessário.

— Mas somos nós que queremos.

— Não se surpreenda se me ouvir falando sozinha.

— Costuma fazer isso.

Cecille olhou para a mãe e disse não se lembrar.

A mãe abraçou-a com força:

— É a menina mais corajosa do mundo! Sem você, o mundo seria triste e vazio.

Cecille sorriu.

— Mas que conversa tão séria para dar boa-noite.

Mal a mãe deixou o quarto, Cecille adormeceu. Ao cabo de uns momentos acordou com o som de nós de dedos batendo na vidraça. Ao abrir os olhos, deu de cara com Ariel do outro lado da janela. A luz da árvore lá fora, ele lembrava um anjo russo que Cecille vira num número da revista Ciência Ilustrada. Ou seria um Menino Jesus?

O anjo acenou e transpôs a janela até junto da escrivaninha, mas a vidraça continuou como estava.

Cecille arregalou os olhos:

— Já falamos sobre isso mas continuo sem entender como consegue fazer essa proeza.

Ariel caminhou até Cecille e sentou-se na cadeira. Que sorte o pai ainda não ter aparecido

— É coisa sem importância — disse ele. — Nem vale a pena falar nisso.

Cecille sentou-se na cama, pondo uma perna sobre o edredom.

— Onde esteve? — quis saber.

— Você teve muitas visitas — respondeu o anjo.

Cecille concordou:

— E essa é a única razão de não ter passado por aqui durante tanto tempo?

Em vez de responder àquela pergunta, disse com um ar afirmativo.

— Estamos quase na lua-cheia e quando a luz se projeta sobre a paisagem coberta de neve, quase parece dia...

— Mas que maravilha! Quem me dera poder sair para ver a Lua com os meus próprios olhos.

— Será que pode?

— Estou muito melhor...

— Ótimo. Estava ficando aborrecido ver-te aí sem forças.

— Posso mesmo?

Ariel saiu da cadeira e levantou o trenó e os esquis pelo ar:

— Sabe que não tem autorização dos teus pais para sair no meio da noite.

— Mas você me dá licença?

Ariel concordou com um ar misterioso e Cecille desembaraçou-se imediatamente do edredom, dizendo:

— Se os anjos autorizam uma coisa, não importa o que os outros possam dizer. Além disso, todo mundo nesta casa está dormindo.

— Será apenas um passeio curto. Agasalhe-se bem para não se transformar num autêntico novelo de hortelã-pimenta.

Cecille levantou-se e, de pé no chão firme, não se sentiu nem um pouco tonta. Disse:

— Agora vou experimentar os meus esquis.

E dirigiu-se ao armário onde a roupa de inverno estava arrumada numa prateleira desde o início de Novembro. Retirou uma camiseta, um par de collants, um pulôver, as calças de esqui e o blusão. Vestiu tudo isto depois de despir a camisola de dormir. Tirou também um cachecol, um gorro, luvas e as meias de lã e sentou-se na cama para apertar os cordões das botas. Depois, fixando Ariel nos olhos, disse:

— Pode levar-me os esquis?

Em seguida caminharam juntos para a porta e desceram sorrateiramente ao primeiro andar. Cecille abriu a porta principal para dar

passagem aos esquis que Ariel carregava, voltando a fechar a porta com cuidado pelo lado de fora.

Perto do celeiro havia uma descida íngreme que ia dar ao riacho e à extensa floresta de abetos. Cecille fixou as botas nos esquis e ajustou os laços dos bâtons à volta dos pulsos. A luz da Lua iluminava a neve.

— Agora vou experimentar esta descida — disse ela. — Vem atrás de mim. Há muito que ansiava por esta oportunidade.

E desceu por ali abaixo, Ariel voando a seu lado.

— Agora estamos ambos a voar — disse ele. — Mas eu nada sinto.

— Mas que excelente! — gritou Cecille. — É quase tão bom como ser anjo!

Cecille caiu na neve macia ao chegar ao fundo da descida e riram-se ambos.

Depois, de pé, apontou para a floresta de abetos:

— Há uma pista ótima até Ravnekollen. De lá vê-se todo o vale.

Ele pareceu examiná-la por um segundo.

— Apetece-te ir até lá?

Mas Cecille já estava em marcha.

— Agora sinto-me forte como um touro! — gabou-se.

E seguiu por um trilho profundo com a ajuda do bâton; por sua vez Ariel acompanhava-a de cabeça no ar como se fosse um cão alado a passear ao domingo, ora virando-se para a direita ora para a esquerda, mas também usou as pernas para correr.

— Não sente frio quando anda com os pés descalços na neve? — indagou Cecille.

Soltando um suspiro condescendente, Ariel perguntou:

— Não vamos voltar ao princípio, não é?

Cecille riu-se:

— Mas é cômico te ver assim. Sabia que alguns faquires conseguem desligar os sentidos para não sentirem frio nem ardor? E até podem deitar-se num colchão de pregos.

Ele fez sinal que sim:

— Nós tanto podemos estar na índia como na Noruega.

E foram pela pista que serpenteava entre os troncos muito próximos uns dos outros. Ariel encurtou o caminho, atravessando os troncos e, uma vez, até passou por um matagal espessíssimo, que, para ele, era como se fosse um tufo de algodão.

Para a subida da última encosta de Ravnekollen, Cecille recorreu à técnica de “espinha de peixe” para evitar escorregar para trás com os esquis e depressa chegaram ao cimo daquela colina despida de árvores. Com um dos bâtons, Cecille apontou para a paisagem gelada onde o luar azulado se espalhava e disse:

— Quando era pequena, imaginava que este seria o topo do mundo e, quando a minha avó contava que Odin estava sentado num lugar alto a contemplar o Mundo, eu julgava que este seria esse lugar. Não ouviu falar dos dois corvos?

Ariel disse-lhe que sim:

— Hugin e Munin significam pensamento e espírito.

— A minha avó também me disse o mesmo e, até certa medida, eram o pensamento e o espírito dele que viajavam pelo Mundo.

Ariel voltou a responder que sim, fazendo este estranho comentário:

— Lembra-se de termos dito que a visão interior dos seres humanos é

essencial para os cegos? Esta visão interior compõe-se também de espírito e de pensamento. Pois era através de Hugin e Munin que Odin via.

Cecille ficou boquiaberta. Como é que isto não lhe ocorrera antes.

O anjo continuou:

— Deus é onipotente e obíquo. Odin não podia estar em vários lugares ao mesmo tempo, mas para isso tinha os dois corvos. Até certo ponto também se tornou oni-sapiente.

Cecille voltou a apontar para o vale com o bâton e perguntou:

— Está vendo aquelas fazendas? Conheço pelo menos uma pessoa de cada uma das famílias que vivem lá. A escola está ao fundo... está vendo aquela faixa esbranquiçada que se estende pela paisagem? É o rio Leira. A Marianne vive na casa amarela, na outra margem do rio.

— Eu sei, Cecille.

— As luzes que avistamos ao fundo, à esquerda, pertencem a Klofta e à distância fica a colina de Hekseberg — Jessheim fica do outro lado.

Ariel disse-lhe:

— Eu sei de tudo isso.

— Vês o nosso celeiro lá embaixo com a casa escondida atrás da árvore grande com luzes? A janela do meu quarto é a que está no primeiro andar, à esquerda.

— Foi por lá que entrei muitas vezes — disse Ariel.

O anjo pairava agora a uns vinte e cinco centímetros do chão para vê-la falar e os olhos dele verde-azulados cintilavam como safiras à luz ao luar. Continuou:

— Se estivesse agora à janela a olhar aqui para cima, poderia ver-nos e nós acenaríamos de volta.

Cecille levou a mão à boca. Isto fora formulado de uma forma um tanto misteriosa.

Algo não batia certo, mas ela não conseguia dizer exatamente porquê.

— O meu pai pode entrar no meu quarto a qualquer momento para me ver e, se isso acontecesse, ficaria surpreso e tenho certeza que diria: “Ora essa! O pássaro acaba de abandonar o ninho.”

— Quer que eu veja se ele dorme?

— Consegue mesmo?

Ariel ausentou-se um instante e Cecille ficou sozinha entre o Céu e a Terra. Pareceu-lhe então ter perdido um irmão gêmeo nesse lapso de tempo. De volta e já ao lado dela, o anjo tranqüilizou-a, dizendo:

— Estão ambos dormindo. A tua mãe dorme com a cabeça aninhada no pescoço do teu pai. A hora de despertar está marcada para as três e meia.

Cecille suspirou aliviada e voltou a apontar para a paisagem com o dedo:

— Nunca cheguei a entender como é que a Lua consegue emitir tanta luz.

— É porque todo o resto está escuro. Quando se projeta luz pela escuridão, nem um único raio de luz se perde.

— Mas a Lua não emite luz própria — retorquiu Cecille. — A Lua não passa de um espelho que pede luz emprestada ao Sol.

Ariel concordou:

— O Sol tampouco emite a sua própria luz. É antes como um espelho que recebe luz de Deus.

— É assim mesmo como diz?

— Achas que te engano na presença do Senhor?

— Claro que não... mas nunca pensei que o Sol recebesse a luz de Deus, da mesma maneira que a Lua recebe a luz do Sol.

Cecille inclinou-se sobre os bâtons olhando para a neve e, quando elevou o olhar, Ariel já não estava no mesmo lugar, mas voava à frente dela a uns centímetros do chão, dizendo:

— A tua luz também provém de Deus, Cecille, porque tu és o espelho de Deus. Que seria de ti sem o Sol e que seria do Sol sem Deus?

No rosto de Cecille desenhou-se um sorriso aberto.

— Nessa ordem de idéias, eu também sou uma pequena Lua.

— Que me ilumina.

— Mas que maneira estranha de dizer. Usa sempre um tom tão solene para tudo, que fico arrepiada.

O anjo disse:

— Quando se trata de maravilhas celestes, há sempre uma certa solenidade envolvida.

— Vai falar agora do Céu?

— Já estou fazendo.

Ariel olhou para a abóbada celeste e a luz intensa do luar fazia com que umas estrelas não passassem de pontinhos desvanecidos na noite.

— Tem de começar a entender que já está no Céu — disse ele.

— Isto é o Céu?

Ariel anuiu:

— Mas o que é que julgava que era? O Mundo não tem grande significado num contexto universal.

— Nunca pensei nesses termos.

— Este é o mundo celestial, Cecille, o jardim do Éden onde os seres humanos vivem. Porém, os anjos andam por todo o lado.

— Quer dizer pelo espaço?

— Ou espaço celeste, o que vai dar no mesmo.

Cecille apoiou-se nos bâtons e observou o chão coberto de neve. Depois disse:

— Que misterioso! É muito misterioso!

Ariel desafiou-a com o olhar:

— Pessoalmente, até acho que é muito fácil compreender isso.

Cecille moveu a cabeça e, exprimindo desalento, disse:

— Passei a vida toda dando nó nos miolos para saber onde está o Céu, mas também, até agora nem um único astronauta viu a cor de Deus nem dos anjos.

— Até agora, nem um único cientista viu a cor do pensamento nem tampouco se pode prezar de ter visto um sonho que seja. No entanto, isso não quer dizer que não existem pensamentos e sonhos nas cabeças das pessoas.

— Claro que não...

— Quando sonhou com o episódio na praia, ninguém te viu, não é? Já falamos deste assunto antes.

— Quer dizer que há anjos sem conta pelo Universo?

— Sim, claro que há. Crê que Deus criou um universo grandioso sem um propósito determinado? Nós andamos por todos os corpos celestes, porque o frio não nos destrói e o fogo não nos devora. A Terra é que tem de ser adaptada às pessoas de carne e osso. Se vivessem noutro lugar, seria ou demasiado quente ou demasiado frio. Se a Terra estivesse mais próxima do Sol, a vida seria incomportável para os seres humanos. Também seria incomportável para a vida humana se a Terra estivesse mais próxima de

Plutão, porque tudo se transformaria em figuras de gelo.

O anjo deu uma volta rápida pelo ar e veio colocar-se diante de Cecille, a meio metro do chão.

— Já estive na Lua? — perguntou esta.

— Costumo dançar ballet lá — replicou Ariel.

— Na Lua?

Fazendo sinal que sim, disse:

— Foi engraçadíssimo quando os primeiros homens chegaram à Lua. Éramos um grande grupo, mas, mesmo assim, nem Armstrong nem os outros astronautas nos detectaram. Pensaram que estavam sós, julgavam-se pioneiros... Sabe o que Armstrong disse ao sair da nave?

— “Um pequeno passo para mim, mas um grande passo para a Humanidade” — respondeu Cecille.

— Nem mais nem menos!

Cecille ficou levemente irritada como representante da Humanidade. Os cientistas estavam convictos de que a sua chegada à Lua era inédita, mas já havia quem os espreitasse. E disse:

— Sinto ganas de escrever para os jornais: “Notícias frescas: a Lua pulula de anjos. Um novo radar desvenda um segredo antigo.”

Ariel riu.

— Já ouviu falar de asteróides?

Cecille sentia-se no sétimo céu, porque estava no seu elemento. Lera mais sobre o Universo do que a maioria das crianças da sua idade e, nos últimos tempos, devorara um monte de números da revista Ciência Ilustrada.

— Claro que já! — replicou. — São planetas minúsculos que gravitam em volta do Sol. Há tantos asteróides e são tão pequenos que nem têm nomes.

Muitos deles não são mais que um número.

Ariel aplaudiu:

— Bravo! Você sabe mais sobre as maravilhas do Céu do que julgava. Se eu desejar um retiro, digamos, de cinquenta ou cem anos, vou para cima de um asteróide. No Céu há muitos anjos, mas asteróides ainda há mais. É bastante relaxante andar num planeta pequeno depois de uma discussão acesa num amplo salão de reuniões. Eu até pulo amarelinha de asteróide em asteróide. É divertidíssimo!

Pareceu-lhe demasiado fantástico para ser verdade e Cecille disse:

— Acho que está mentindo.

Olhou de novo para aqueles olhos verde-azulados e, ao compreender a gravidade da acusação, voltou a baixar os olhos.

— É uma pena, porque os anjos nunca mentem e você não crê em mim.

— Conte-me mais coisas — pediu Cecille secamente.

Ariel prosseguiu:

— Para mim, a coisa mais divertida que há é andar num cometa.

— Num cometa?

— Sim, no cometa Halley, por exemplo. A sua trajetória em volta do Sol dura setenta e seis anos, mas a sua órbita prolonga-se pelo Universo e desloca-se a velocidades incríveis. Andar num cometa pode comparar-se a andar no escorregador, mas no primeiro caso não é preciso subir para voltar a descer.

Cecille anuiu dizendo:

— Pois bem. Eu também não me importaria nada de andar nele. Mas nunca me passou pela cabeça que os anjos gostassem de brincar.

O anjo fitou-a nos olhos:

— contei-lhe que Deus criou Adão e Eva para que alguém corresse por entre as árvores e brincasse de esconder no amplo jardim. Não faria qualquer sentido criar um jardim daquele tamanho se também não existissem crianças que brincassem lá.

Cecille concordou novamente e Ariel continuou:

— A existência de um universo com miríades de estrelas e planetas, luas e asteróides pressupõe que haja anjos que façam uso daquela magnificência.

Cecille encolheu os ombros com indiferença:

— Concordo que foi bem pensado. No entanto, nem um nadinha do que está dizendo, vem na Bíblia.

Em vez de responder ao que ela acabara de dizer, Ariel disse:

— Se Deus tivesse criado tudo com a finalidade de se exhibir, é porque queria ser o foco das atenções. No cosmos existem cem bilhões de galáxias e cada galáxia tem aproximadamente cem bilhões de sóis. Já pode fazer uma idéia de quantos planetas e luas existem e isto sem falar nos asteróides. Apesar de haver os anjos que há, não podemos nos queixar de falta de espaço para espairecer. E tempo também não nos falta.

— Pois é, isso é mais que certo. Bom proveito.

— Nós somos o elo de ligação do Universo, Cecille. Deus nunca teve dois corvos no ombro, mas em contrapartida, tem um exército de anjos.

Cecille, ao mesmo tempo que escavava a neve com o bâton, disse:

— Se escrevesse um livro sobre essas coisas, ganharia um ou talvez mesmo dois Prêmios Nobel.

— Mas porquê dois?

— Um seria em teologia e o outro em astronomia, claro que se não

juntassem os dois prêmios em apenas um. No pior dos casos, seria premiado com o bem merecido Prêmio Nobel da Fantasia.

Ariel riu-se:

— Eu jamais competiria com esses cientistas de semblante sombrio que julgam que os segredos da natureza podem ser desvendados com microscópios e telescópios e, além disso, só acreditam no que pode ser pesado ou medido. E é assim, porque eles não vêm a globalidade nem entendem que tudo é visto através de um espelho, através de um enigma. Mas um anjo não pode ser pesado nem medido, e examinar um espelho ao microscópio não serve de nada e apenas terá como resultado que a imagem do próprio cientista será vista mais nitidamente. Nesse caso, será melhor usar a fantasia.

Cecille, que agora fazia um buraco na neve com mais força, disse:

— Eu adoraria pular amarelinha de asteróide em asteróide. Gostaria também de dançar ballet na Lua ou agarrar-me a um cometa engraçado e navegar pelo espaço. Você diz que tudo pertence ao Céu...

— Sim,

— Muita gente acredita que vamos para o Céu quando morremos. Mas é assim mesmo?

Ariel suspirou profundamente:

— Vocês estão agora no Céu. O Céu é aqui. Acho que é altura de acabar com as discussões e as contendas. Não é bonito fazerem guerra na presença de Deus.

— Mas você não respondeu à minha pergunta.

— Os seres humanos vêm e vão, vão-se embora, mas voltam a aparecer à semelhança das estrelas e dos planetas.

— Isso é só conversa!

Cecille bateu com o bâton no chão.

— Está zangada?

Cecille sabia que era verdade. No entanto, estava ciente de que poderia dar-se a esse luxo:

— Você ficou aí a desenrolar que os seres humanos são de carne e osso. Disse ainda que carne e osso são efêmeros, o que eu acho injusto. Gostaria também de poder pular amarelinha de asteróide em asteróide durante uns milhares de anos e depois descansar uns dois milhões de anos num planeta exótico de uma galáxia longínqua. Por isso mesmo é que me pergunto constantemente se nós, seres humanos, não teremos uma vida eterna.

E levou a mão à boca. De onde viriam aquelas palavras?

Ariel disse:

— Ninguém vive eternamente e, muito menos, os anjos. Os anjos não vivem, não sentem e não se desenvolvem. Já falamos, aliás, disso antes.

Cecille baixou os olhos.

— Acho que vocês são uns tolos. Queixam-se que não vivem, mas voam pelas estrelas e planetas eternamente.

— Você também voa até praias distantes em sonhos — respondeu Ariel. — Mas imagina se a tua vida não passasse de um sonho!

Cecille encolheu os ombros:

— Se fosse um bom sonho que durasse eternamente, acho que o preferiria à vida. E você, que escolheria: a efemeridade de anos da vida humana ou a vida eterna de um anjo?

— Nenhum de nós tem uma opção possível e, portanto, nem vale a pena debater essa questão. No entanto, parece-me preferível contemplar o Universo, ao menos uma vez, do que não ter essa oportunidade. Quem ainda não nasceu, não poderá exigir ficar por aqui.

Cecille refletiu uma vez e tornou a refletir sobre o que Ariel lhe acabara de dizer e concluiu:

— Se formos ver, talvez preferíssemos não ser criados a termos uma vida efêmera. É que, se não tivéssemos sido criados, nunca chegaríamos a saber a oportunidade que perdemos.

Ariel não replicou. Repentinamente, apareceu no ar, observou a casa e disse:

— São três horas. Temos de voltar depressa antes que eles acordem.

Cecille desceu as encostas e Ariel voava a seu lado.

Havia pouco espaço entre as árvores, mas mesmo assim Cecille percorreu a pista sem se abaixar. Ariel transpunha os troncos, como se não existissem e, num abrir e fechar de olhos, alcançaram a última ladeira que ia dar no celeiro.

Ariel segurou o capuz do blusão de Cecille e disse-lhe:

— Não temos tempo para dar a volta.

— Não temos tempo?

E sem mais nada, agarrou-a, levando-a pelo ar e chegaram ao quarto de dormir através da janela fechada.

Cecille ainda tinha os esquis nos pés e a janela continuava intacta. No entanto, havia água espalhada pelo chão.

— O que eles irão dizer? — balbuciou apontando para os esquis e para o chão.

— Eu trato disso — retorquiu Ariel.

Os esquis e a roupa foram tirados às pressas e substituídos pela camisola de dormir. Cecille enfiou-se na cama ao mesmo tempo que registrava a velocidade vertiginosa com que Ariel dobrava a roupa devolvendo-a ao armário. O equipamento de esqui foi arrumado junto à parede e, no fim, um único sopro de Ariel eliminou os vestígios de água e de neve. Agora era impossível perceber que Cecille andara a passear à luz da Lua.

— Fenomenal! — disse ao adormecer.

Quando Cecille acordou, o pai estava sentado na cadeira.

— Que horas são? — ela quis saber.

— São sete horas.

— Já está aqui há muito tempo?

— Há algumas horas...

Então Cecille lembrou-se do passeio noturno de esqui e olhou pelo quarto. Ninguém poderia ver que os esquis tinham sido usados. Se calhar o passeio nem foi na noite anterior. Poderia ter sido alguns dias antes. Cecille sentia-se mais fraca do que nunca. Seria por causa de ter saído com Ariel?

— Não me sinto muito bem — disse.

O pai segurou-lhe a mão e disse:

— E você não está mesmo bem.

— Que dia é hoje?

Olhando para o relógio, ele disse:

— 22 de Janeiro.

— Então a Noite de Natal foi há quase um mês!

Ele confirmou:

— A mãe está chegando com a injeção.

— “Com a injeção...”

— Pois é, ela está ali no banheiro.

— Estou fartíssima de tudo isto.

O pai apertou-lhe a mão:

— Claro que deve estar — respondeu laconicamente.

Cecille tentou soerguer o olhar:

— Quando crescer, vou estudar astronomia.

— É... é muitíssimo interessante.

— Um dia alguém terá que descobrir tudo.

— Em que está pensando?

— Oh, pai! A doente sou eu...

— Claro, claro que é você a doente.

— ...mas vocês é que não seguem a lição. Quero dizer que alguém terá que descobrir como as coisas são de fato, porque não podem continuar assim.

— A ciência está em constante evolução...

— Acredita nos anjos?

— Porque é que pergunta isso?

— Acredita ou não?

O pai disse que sim.

— E você também?

— Não sei... Ele é tão imbecil. Sabe que colocou um anjo de plantão em cada asteróide que existe? Mas, se eles quiserem, podem permanecer lá para sempre e não precisam cortar as unhas, nem escovar os dentes. Alguns anjos andam em cometas a velocidades espantosas em volta do Sol. Lá do alto, observam a Terra e são tão curiosos que especulam como será ser de carne e osso...

— Acho que está delirando.

— ...enquanto Deus, o Todo-Poderoso, está confortavelmente sentado fazendo bolas de sabão conosco, somente com o intuito de se exibir perante os anjos do Céu.

— Estou certo de que Ele não faz isso.

— Como é que pode estar certo? Imagina então que Ele é um grande malandro!

— Há muita coisa que não podemos compreender, Cecille.

— Já ouvi isso antes... Nós, os seres humanos, compreendemos apenas uma parte e vemos tudo através de um espelho, através de um enigma...

— Pois é assim mesmo. Mas que palavras acertadas!

Cecille observou-o consternada.

Passaram-se uns momentos e Cecille tinha vontade de continuar a conversa, mas sentia-se desfalecida. Parecia querer que lhe tirassem as palavras da cabeça, para não abrir a boca. Então perguntou:

— Lembra-se da viagem a Creta?

Tentando esboçar um sorriso, o pai respondeu:

— Como poderia esquecer?

— Refiro-me à viagem propriamente dita, seu patetinha.

O pai fez-lhe um sinal que sim:

— Até me lembro que serviram frango com batatas na ida e, na vinda, almôndegas com molho de pimentão...

— Oh, papai, não me fale em comida. Eu só queria dizer que olhei através da janela e vi a terra lá embaixo.

E ficou-se por ali. Mas o que ela estava pensando era que, lá de cima, viam o mundo com cidades, estradas, montanhas e talhões de terra. No

regresso, sobrevoaram as nuvens que lhes deram a sensação de estarem entre o Céu e a Terra e, ao chegar à Noruega, na descida para Gardermoen, mergulharam por baixo daquele imenso algodão e um mundo maravilhoso iluminado de cores variadas deparou-se pela frente.

Cecille disse:

— Quando nascemos, recebemos o mundo de presente.

O pai concordou, mas deixou transparecer que não gostava que ela falasse tanto.

— Não somos os únicos que vimos ao Mundo. Poderia antes dizer que é o Mundo que vem a nós.

— Dá no mesmo.

— Eu penso que possuo o Mundo.

O pai segurou-lhe a outra mão.

— De certo modo, até possuí.

— Não me refiro apenas a esta casa... a Ravnkollen... e ao rio lá ao fundo. Também possuo uma parte da planície de Lasithi, em Creta... e a ilha de Santorini. Parece-me ter vivido no antigo palácio de Cnossos. Sou dona do Sol e da Lua e das estrelas do firmamento, porque já vi tudo.

O pai tocou a campainha que estava sobre a mesinha de cabeceira. Porque é que ele teria feito aquilo? Será que ele também estava doente?

Cecille prosseguiu:

— Ninguém jamais poderá privar-me disto. Será sempre o meu mundo. Será o meu mundo eterno.

Mal a mãe chegou, o pai saiu precipitadamente do quarto. Estivera ali, por certo, muito tempo e agora precisava ir depressa ao banheiro.

— Cecille?

Esta virou-se para a mãe que lhe dirigiu um olhar de censura.

— Cecille!

— Dá-me logo a injeção, mãe. Não precisamos de falar mais sobre isso.

E adormeceu imediatamente. Ao acordar, Ariel estava na cadeira em frente da cama.

Sentia-se muito melhor agora do que antes com os pais no quarto. Teria a presença do anjo um efeito benéfico para a sua saúde?

— Dormiu bem? — perguntou Ariel.

Cecille levantou-se e sentou-se no canto da cama. Depois olhando para a janela, viu que fazia dia lá fora e disse:

— É dia. Às vezes, ando completamente confusa.

Ariel moveu a cabeça e disse enigmaticamente:

— O Mundo gira sem parar.

E Cecille riu-se sem perceber porquê. Mas, nesta ocasião, achou graça que o Mundo rodasse ininterruptamente e comentou:

— Alguém disse que o Mundo é o palco de um teatro. Se é assim, deve então ser um palco giratório.

— Evidentemente — afirmou Ariel. — Mas você sabe porquê?

Cecille encolheu os ombros:

— Na realidade, isso não faz diferença, porque não sinto que ele gira. Por mim, poderia até ser um carrossel. Mas imagine ... que catástrofe não seria para a Grande Roda!

Ariel saiu da cadeira, circulou pelo ar, indo sentar-se na escrivaninha. De um ponto mais alto, olhou para Cecille:

— A Terra gira sem parar para que todos os seres humanos possam contemplar o Universo de todos os cantos e observar praticamente todas as estrelas e tudo mais que existe por lá, seja em que parte da Terra vivam.

— Nunca me ocorreu tal coisa.

Com um gesto decidido, o anjo continuou:

— Quer vivam em Jessheim ou em Java, nem a mais ínfima parte do esplendor do firmamento ficará oculta. Seria injusto se os raios solares só beijassem metade da Humanidade, enquanto que a outra metade não via nem uma meia-lua. No entanto, tanto o Sol como a Lua pertencem da mesma maneira aos seres humanos.

— Mas teria sido esse o único motivo para Ele fazer tudo rodopiar?

— Claro que foi. Mas houve outro...

— Continua então!

— Foi também para que os anjos do Céu pudessem contemplar o Mundo a partir de qualquer objeto em que estivessem. É que é mais fácil vigiar um planeta em rotação do que quando mostra apenas uma face.

Cecille achou que era entusiasmo a mais. O anjo falava sem parar e começara a oscilar as pernas:

— Já te contei que radiografamos, mas não cheguei a dizer-te que também temos vista de longo alcance.

— Quer dizer com isso que os anjos conseguem ver as pessoas na Terra, de qualquer planetinha do Universo?

— Nem mais nem menos. Lá em cima não há muitos motivos de conversa, mas quando estamos confortavelmente sentados num planetinha qualquer, podemos olhar para a Terra e acompanhar o desenrolar de cenas que se passam em Creta ou em Klofta, nesse teatro celeste.

— “Nesse teatro celeste”?

Ariel respondeu que sim:

— O Mundo, Cecille. A vida humana na Terra é uma peça de teatro que não acaba. Os seres humanos vêm e partem numa fila que nunca termina...

Cecille manteve-se imóvel na beira da cama por uns instantes e depois disse:

— Isso me cheira a problemas!

E deu um valente pontapé na cadeira.

— Se fosse assim, seria muitíssimo injusto.

Ariel ficou um pouco admirado e, sem deixar de abanar as pernas, disse:

— Não falemos mais nisso.

— Não sei se me apetece continuar a falar.

Ariel deixou de oscilar as pernas por uns instantes, dizendo:

— Está amargurada, Cecille.

— E depois?

— É por isso que estou aqui.

Cecille baixou o olhar.

— Não consigo compreender porque é que o Mundo não foi criado de uma forma um pouco diferente.

— Já falamos disso antes. Estou certo de que aqueles bonitos desenhos que tencionava fazer, não saíram exatamente como tinha planejado...

— Isso me acontece frequentemente. E até é aliciante, porque nunca sei como vai acabar.

— É assim porque não tem pleno controle sobre o que desenha.

Cecille não respondeu e só disse:

— Se eu quisesse desenhar uma coisa e soubesse de antemão que o desenho, viria a ganhar vida, jamais ousaria fazê-lo. Eu nunca criaria uma coisa que não se pudesse defender da vivacidade dos lápis de cor.

O anjo encolheu os ombros:

— De qualquer maneira, as tuas figuras compreenderiam somente uma parte e não veriam a totalidade.

Cecille suspirou fundo:

— Os teus mistérios começam a enervar-me.

— É pena, porque não era essa a minha intenção.

— Um idiota qualquer afirmou que o mais importante é ser ou não ser. Cada vez mais concordo com essa pessoa — ele ou ela. Você também disse que, no mundo espiritual, o sexo da pessoa não é fundamental...

— “Ser ou não ser” — repetiu Ariel. — Mas que expressão exata! É que não há mesmo nada pelo meio.

— Eu quero dizer que estamos agora no Mundo e jamais voltaremos!

— Sei que está doente, Cecille...

Esta interrompeu-o:

— Não permito que me pergunte o que tenho. Nem mesmo os anjos estão autorizados a falar nisso.

— Eu só queria dizer que estou aqui para te confortar.

Entre resmungos, Cecille disse:

— Mas que coisa!

Enquanto conversavam, Ariel saiu da escrivaninha e pôs-se a voar pelo quarto.

Cecille disse:

— Creio que vou morrer de velhice e depois voltarei a ser criança e viverei no Céu como os anjos. Seremos então como os corvos de Odin e isso será ótimo...

— Crê mesmo que será assim? — perguntou Ariel.

— “Crê mesmo?”. “Crê mesmo?”. Você é que deve saber.

O anjo voou até diante da cama e deixou o antigo colar de pérolas e o calendário grego dos gatos na penumbra.

— Não sei nada — disse severamente. — A obra da Criação e o espaço celestial são um mistério tão grandioso que nem os seres humanos nem os anjos o compreendem.

— Nesse caso, tanto faz falar com o meu pai ou com a minha avó.

Ariel concordou:

— Eles também pairam em algum lugar no grandioso mistério divino.

Cecille ergueu o olhar:

— Já estive com Deus? Quero dizer, pessoalmente?

— Estou neste momento na presença de um dos Seus pontinhos. Aquilo que presenciei e discuti com um dos Seus mais pequeninos, também presenciei e discuti com Ele.

Cecille refletiu:

— Se essa é a única maneira de encontrá-lo, será muito difícil derrotá-lo.

Ariel riu-se:

— Para isso, ele teria de se derrotar a si próprio.

Depois de algum silêncio, acrescentou:

— Quando você acusa Deus de tolo, talvez seja Deus que se está acusando a si próprio. Não se lembra do que Ele disse ao ser crucificado?

Cecille fez-lhe sinal que não. A avó lera-lhe muitas passagens da Bíblia nos últimos tempos, mas ela esquecera-se daquela a que Ariel se referia.

— O que é que ele disse?

— Disse: “Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?”

E de repente Cecille compreendeu que nunca pensara que Jesus era Deus. Ao ser crucificado, Deus falou consigo mesmo. E também não teria falado consigo mesmo quando se dirigiu aos Apóstolos em Getsémani? Mas eles nem se deram ao trabalho de ficar acordados durante o cativoiro.

— “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” repetiu ela.

Ariel aproximou-se dela, fitando-a com aquele olhar de safiras, e disse:

— Repete, Cecille. Repete muitas vezes. Há algo no espaço celeste que não bate certo. O grande desenho tem certamente um erro.

Ela tentou refletir.

— Tem certeza de que isto é tudo o que sabe sobre o lado de lá?

O anjo disse que sim:

— Vemos tudo através de um espelho. Você espreitou pelo vidro embaçado, mas eu não consigo limpá-lo completamente. Porém, se tal acontecesse, passaria a ver tudo mais nitidamente e deixaria de ver a si mesma.

Cecille olhou-o surpresa.

— Mas que pensamento profundo!

Com um sinal de cabeça, o anjo disse:

— Não se pode penetrar demais na carne e no osso, porque carne e osso são pouco profundos. Eu consigo ver areia e pedras por baixo do chão.

— É assim mesmo?

Ariel anuiu.

— Carne e osso são terra e água em que Deus incutiu o seu espírito com um sopro. Por isso é que há algo de divino dentro de vocês.

Cecille estendeu os braços mostrando desalento:

— Não sei o que dizer.

— Podia felicitar-se.

— Mas não é o meu aniversário!

Ariel fez-lhe sinal que não:

— Podia felicitar-se porque, como ser humano, efetuou uma viagem aliciante ao redor de um sol escaldante do espaço celeste. E testemunhou um bocadinho da eternidade. Contemplou o Universo, Cecille! Elevou o seu olhar do papel em que está desenhada e viu a sua suprema majestade no imenso espelho celeste.

Cecille assustou-se com a solenidade daquelas palavras e disse:

— Acho que deve parar por aí. Já não suporto mais.

— Só mais uma coisa! — disse ele.

E com um olhar mais límpido e penetrante que o mar Egeu, disse ao mesmo tempo que se esvanecia:

— As estrelas também caem um dia. Mas uma estrela é apenas uma faísca da grandiosa fogueira celeste...

Cecille adormeceu imediatamente e, ao acordar, os pais e a avó estavam sentados junto da cama.

— Estão todos aqui?

Os três disseram que sim, enquanto a mãe lhe umedecia a boca com um pano.

— Onde é que está Lasse?

— Está na rua com o vovô. Foram patinar juntos.

— Quero falar com a vovó.

— Então, quiere que saiamos?

Ela disse que sim.

Quando ambos deixaram o quarto, a avó afagou-lhe as mãos.

— Lembra-se de ter falado em Odin? — perguntou Cecille.

— Claro que me lembro.

— Ele tinha um corvo em cada ombro. Todos os dias, ao amanhecer, os corvos voavam para tomar conhecimento das coisas que se passavam pelo mundo afora e, no regresso, contavam-lhe o que tinham visto...

— Agora é a sua vez de me contar — disse a avó.

Cecille calou-se e a avó retomou a narração:

— De certo modo, era o próprio Odin que andava a voar pelo mundo porque, apesar de tranquilamente sentado naquele lugar alto, viajava pelo Mundo nas asas dos corvos. E você sabe que os corvos têm uma vista extraordinária...

Cecille interrompeu-a:

— Era isso mesmo que queria dizer-te.

— O quê?

— Quem me dera ter dois corvos como aqueles ou, pelo menos, ser um deles.

A avó apertou-lhe agora as mãos com mais força.

— Começo a esquecer-me das coisas que me contou — disse Cecille.

— Eu acho até que se lembra muito bem.

— Não me disse que a beleza nos entristece às vezes? Ou teria dito que nos tornamos belos com algo triste?

A avó não respondeu, limitou-se a segurar-lhe os pulsos e fitou-a nos olhos.

Cecille disse:

— Pode apanhar o livro de notas que está debaixo da minha cama?

A avó soltou-lhe uma das mãos e inclinou-se para apanhar o livro e a caneta de feltro preta que estava ao lado.

— Pode escrever-me uma coisa?

A avó soltou a outra mão e Cecille ditou:

— “Vemos tudo através de um espelho, através de um enigma. Às vezes espreitamos pelo vidro embaçado e vemos alguma coisa do outro lado. Porém, se o vidro fosse completamente limpo, passaríamos a ver tudo mais nitidamente, mas também deixaríamos de ver-nos a nós mesmos...”

A avó levantou o olhar do livro de notas.

— Não é um pensamento profundo? — perguntou Cecille.

A avó disse que sim e derramou umas lágrimas.

— Está chorando? — perguntou Cecille.

— Sim, estou chorando, minha filha.

— Porque foi belo ou triste?

— Por ambas as coisas.

— Mas ainda não acabou.

— Então, diga lá...

— “Se eu quisesse desenhar uma coisa e soubesse de antemão que essa coisa viria a ganhar vida, jamais ousaria fazê-lo. Eu nunca criaria algo que não pudesse defender-se da vivacidade dos lápis de cor...”

O quarto ficou em silêncio total, silêncio que, aliás, reinava por toda a casa.

— O que achaste? — perguntou Cecille.

— Bonito...

— Pode escrever mais?

A avó voltou a chorar e depois disse que sim. Cecille continuou a ditar:

— “A obra da Criação e o espaço celeste são um mistério grandioso que nem os seres humanos nem os anjos compreendem. Há algo no espaço celeste que não bate certo. O grande desenho tem certamente um erro”.

A avó elevou de novo o olhar do papel.

— Mais uma coisa só para terminar.

A avó disse que sim e Cecille acrescentou:

— “As estrelas também caem um dia. Mas uma estrela é apenas uma faísca da grandiosa fogueira celeste”.

Uma tarde Cecille acordou com a mãe a seu lado e um melro preto na parte de fora da janela.

— Porque é que a janela está escancarada? — perguntou.

— Na rua está tão agradável e ameno que até parece Primavera.

— E a neve já desapareceu totalmente?

— Nem pensar.

— Então, o rio ainda está gelado?

A mãe disse que sim:

— Mas não se pode confiar nele.

Cecille pensou em Ariel. A última vez que estiveram juntos, tinha sido muito formal. Teria ele então revelado os derradeiros segredos do Céu?

Agora havia sempre alguém presente. Num serão em que os pais estavam sentados junto de Cecille, ela disse que não queria gente ali toda a noite.

— Um de nós ficará aqui — disse o pai.

— Mas porquê?

Ninguém lhe respondeu e ela disse:

— Se acontecer alguma coisa, toco a campainha.

O pai passou-lhe a mão pela cabeça:

— Não sei se terá forças.

— Se não tiver forças, peço a um anjo que os acorde.

Houve troca de olhares.

Cecille disse então:

— Vocês não acham que vou embora, não é?

O pai fez sinal que não e a mãe falou:

— Estamos contigo agora como quando era pequenina.

— Ficaram com um medo súbito de que o passarinho abandone o ninho?

E Cecille quase que os ameaçou para que saíssem do quarto. Quando ela acordou mais tarde, Ariel estava sentado no parapeito da janela.

— É tão linda quando dorme.

— Não quero falar. O que quero é sair!

— Mas tem forças?

— Claro que tenho! Quero ver o rio, antes que o gelo desapareça.

Ariel suspirou.

— É maçante. É preciso vestir toda aquela roupa.

— Mas eu quero sair — insistiu ela.

— Então, só um passeiozinho e acabou!

Cecille ajudou-o a encontrar a roupa de inverno no armário.

— Hoje levamos o trenó — disse ela terminantemente.

Ariel sorriu.

— É a primeira vez que ando de trenó.

— Pelo menos este ano — acrescentou Cecille.

Quando Cecille já estava pronta, puseram-se a observar juntos as pedras decorativas que estavam na estante. E ela disse:

— Vêm de quase todos os cantos do mundo. Cada pedra é um pequeno bocado do planeta.

— “Um pequeno bocado do planeta” — repetiu Ariel.

Ele apontou para a borboleta que Marianne oferecera a Cecille e depois perguntou:

— Esta também?

Em vez de lhe responder, ela meteu-a no bolso do blusão.

— Esta agora vai voar lá para fora.

— “Voar lá para fora” — imitou Ariel. — “Agora vai voar lá para fora!”

— Vai ver primeiro se todos dormem.

Com um ar de esperto, Ariel perguntou:

— Vamos juntos?

Foram em direção à porta e deixaram o trenó nas escadas. Depois dirigiram-se sem ruído até o limiar da porta do quarto de dormir dos pais. Cecille levou um dedo à boca e balbuciou:

— Calado.

A não ser a claridade projetada pela lanterna do celeiro, o quarto estava às escuras e os pais dormiam juntinhos.

— Não parecem mesmo crianças dormindo? — sussurrou o anjo.

E Cecille acrescentou:

— Pergunto-me: com que estarão sonhando?

Depois saíram e foram para o quarto de Lasse. Cecille caminhou com cuidado para não pisar as peças de Lego que estavam espalhadas pelo quarto, enquanto Ariel voava a poucos centímetros do chão.

Sentia tanta ternura pelo irmão que as lágrimas caíram-lhe pela face. Não é estranho que se verta lágrimas quando se gosta de alguém? Nas últimas

semanas, ela mal estivera com o irmão Lasse e quase se sentiam como estranhos.

Esgueiraram-se depois pela escada abaixo até o primeiro andar com o trenó atrás.

— Os meus avós vivem na casa ao lado — disse Cecille baixinho.

Ariel disse:

— Mas a tua avó está dormindo agora no sofá aqui na sala.

Cecille olhou para certificar-se: a avó estava efetivamente deitada completamente vestida no sofá com um cobertor a cobrí-la. Ela tinha percebido de que a avó dormia ultimamente no sofá. A mãe tinha dito que era porque o avô roncava alto, mas a avó insistia que era para ajudar a dar as injeções em Cecille.

— É a melhor avó do Mundo — sussurrou.

E Ariel respondeu:

— Eu sei.

— Não é por ser a minha avó, mas é realmente a melhor avó do Mundo.

Ariel imitou-a:

— “A melhor avó do Mundo”, “a melhor avó do Mundo.”

Quando chegaram ao patamar, fecharam a porta atrás de si. Lá fora fazia um frio de rachar. Havia tantas estrelas naquela noite que parecia que o Céu estava iluminado por uma tênue luz do dia. Como era lua nova, podia ver-se as estrelas ainda melhor.

Cecille subiu o quintal com o trenó ao qual a avó amarrara uma corda grossa. A mãe dizia que podia esperar, mas Cecille e a avó ataram a corda às escondidas.

Do quintal até o rio, as encostas eram suaves e compridas e Cecille montou de imediato o trenó, já para descer, virando-se para Ariel e gritando:

— Se quiser fazer-me companhia, vem já para cá!

O anjo sentou-se agarradinho a ela e só pararam quando o trenó se deteve na neve endurecida ao chegar ao matagal em frente ao rio.

Cecille disse rindo:

— Batemos o recorde!

E logo se levantou e olhou para Ariel.

— Não foi fantástico?

— Sem dúvida alguma — respondeu o anjo com um semblante triste.
— Mas não senti absolutamente nada. — Vamos atravessar o rio, Cecille.

E abriram passagem pelo matagal até o gelo.

— Não quiseram dar-me os patins — disse ela. — Mas mesmo assim, ainda consigo patinar.

E pondo o trenó de lado, deslizou com as botas pelo gelo, enquanto Ariel a seguia descalço. Os pés dele deviam ser muito escorregadios porque dava piruetas como um patinador.

De repente, o gelo rachou com um estrondo e Cecille desatou a correr para o outro lado do rio com Ariel atrás.

Quando se viraram, viram que o trenó tinha ficado sobre uma placa de gelo.

Cecille gritou:

— O meu trenó!

Antes de ela poder acrescentar fosse o que fosse, Ariel já estava a caminho. Cecille pensou que ele apanharia o trenó descendo do ar. No

entanto, ao chegar à margem do rio continuou pelo gelo e, em certos lugares, até caminhou sobre a água.

Regressou logo em seguida e Cecille, sem poder afirmar, era capaz de jurar que ele sobrevoara a água como as renas do Papai Noel voam pelo ar.

— Mas que espetáculo! — exclamou.

E o anjo segurava com força a corda do trenó, dizendo:

— Agora vamos visitar a Marianne!

E puseram-se em marcha apressada para a casa amarela que Cecille já não visitava há meses. Marianne fizera-lhe uma visita antes do Natal, mas isso já fora há semanas.

Cecille experimentou a entrada, mas deparou-se com a porta fechada à chave.

— Não podemos entrar — disse Ariel. — Eu poderia passar pelo buraco da fechadura, mas ambos, isso é que não.

Cecille sorriu com um ar malandro e fez sinal para que Ariel a seguisse até o anexo.

— Sei onde está a chave — disse orgulhosa.

E estava lá mesmo, debaixo de uma caixa de tintas. Em certa altura, Cecille passara tanto tempo na casa de Marianne como em sua própria casa, em Skotbu.

Em seguida, entraram pela porta que abriram e atravessaram a sala até o quarto de Marianne. Cecille acendeu a luz da parede. Ariel estava na ponta dos pés como se fosse um irmão pequeno.

Abriu a porta com cuidado e viu Marianne que dormia com o longo cabelo ruivo sobre a almofada.

Cecille sentia-se livre como um passarinho, mas mesmo assim algumas lágrimas rolaram pelo seu rosto ao ver a amiga. Seria por Marianne estar

dormindo ou porque não a via há tanto tempo?

— Está chorando? — perguntou Ariel num murmúrio.

— Sim, esto chorando...

Marianne voltou-se na cama como se fosse acordar.

Ariel agarrou Cecille pelo blusão e disse:

— Despeça-se dela agora mesmo!

Cecille curvou-se e pousou a borboleta, que tinha no bolso do casaco, suavemente no chão junto à cama de Marianne.

— Porque é que fez isso? — perguntou Ariel. — Foi um presente dela para você.

E Cecille respondeu de forma evasiva:

— Ora essa! Estou certa de que já não preciso disto.

Quando chegaram à sala em direção à saída, Marianne sentou-se na cama. E quando fecharam a porta, foram imediatamente colocar a chave no seu lugar no anexo e desceram a pequena encosta de trenó.

Quando o trenó parou, Ariel pôs-se a pairar no ar como um boneco sem peso. Cecille, sentada no trenó a contemplar o céu estrelado, teve a sensação de partilhar aquela leveza absoluta e disse num suspiro:

— Esta é a eternidade.

— Ou o Céu — disse Ariel. — Ou melhor, o espaço celeste.

— O Universo — continuou Cecille.

Estavam prestes a rebentar de riso, quando Ariel acrescentou:

— Ou o Cosmos

— Ou o espaço.

— Ou o sal do mundo.

— Ou a realidade.

— Ou simplesmente o Mundo.

— Ou ainda o Grande Enigma! — concluiu Cecille.

Ariel anuiu solenemente:

— Um órfão tem muitos nomes.

— “Um órfão?”

E o anjo respondeu:

— Não são as crianças desejadas que têm muitos nomes, mas sim as que são encontradas abandonadas numa escada, por exemplo. São as crianças de origem desconhecida que pairam no vazio.

Cecille repetiu:

— Esta é a eternidade.

Ariel veio colocar o trenó a seu lado e disse:

— Que é muito mais visível no meio da noite.

Cecille virou-se para ele e repetiu o que já lhe dissera. Só que pôs mais ênfase em cada sílaba:

— Existo apenas esta vez. E jamais voltarei.

Ariel disse que não com a cabeça dizendo:

— Já está na eternidade e a eternidade volta sempre.

Caminharam pela margem do rio avistando enormes placas de gelo que desciam vagarosamente pelo vale. Do rio, que se mantivera sereno todo o Inverno, vinham agora ruídos muito intensos, produzidos pela forte corrente. Cecille e Ariel atravessaram para a outra margem através da ponte.

No meio da ponte, Ariel apontou para a água e perguntou:

— Como se chama este rio?

— “Como se chama este rio?” — repetiu ela. — Já te disse que é Leira.

E o anjo fez-lhe um sinal afirmativo:

— Tem um nome bonito este rio. No espelho celeste, mesmo as coisas mais terrestres se tornam, em certa medida, celestes.

— Não estou entendendo nada de nada.

— Leira... — repetiu Ariel.

E acrescentou enigmaticamente:

— Você vê tudo através de um espelho, através de um enigma.

Cecille encolheu os ombros com indiferença e ele continuou:

— Experimenta ler “Leira” de trás para a frente.

E Cecille exclamou pouco depois:

— ARIEL! É ARIEL!.

O anjo disse orgulhosamente:

— Sempre gostei deste vale.

Cecille estava impressionadíssima.

E ao subir para Skotbu virou a cabeça algumas vezes para trás para contemplar o Universo. De repente viu uma estrela cadente. Mas foi Ariel quem levou a mão à boca e disse:

— Olha uma estrela caindo!

— “Olha uma estrela caindo” — repetiu ela.

Os seus pensamentos voltaram novamente à estrela da árvore de Natal que havia desaparecido. Ariel não tinha dito que sabia do seu paradeiro?

Cecille palmilhou a última ladeira até o celeiro de Skotbu puxando o trenó e, olhando para trás, perguntou a Ariel:

— Lembra-se de eu ter contado que a velha estrela de Natal desapareceu misteriosamente?

Com um olhar indecifrável, o anjo respondeu:

— Talvez não seja assim tão misterioso.

— É óbvio que não deve ser! — respondeu Cecille. — Você sabe onde ela está.

E sentiu um arrepio. Onde quereria Ariel chegar ao dizer que não era assim tão misterioso? Se ele sabia onde a estrela estava, porque não lhe teria contado antes?

Chegaram agora à parte de cima do quintal e, apontando para trás do celeiro, Ariel disse:

— Vem cá!

A velha árvore de Natal, de ramos já pardos, estava encostada à parede do celeiro. Via-se que estivera na rua todo o Inverno e emergia agora da neve que se derretia.

— Esta é a árvore do ano passado! — exclamou Cecille, recordando-se que ela e o pai a tinham trazido cá para fora no ano anterior quando o Natal chegara ao fim.

Ariel deu um pontapé na árvore para sacudir a neve e foi então que Cecille viu a velha estrela. Nem ela, nem ninguém pensara na hipótese de a estrela ter ficado esquecida na árvore!

A árvore morta era uma imagem de tristeza e desolação. Cecille lembrou-se da praia de lava preta na ilha de Santorini. Porém, a estrela mantinha-se igualzinha apesar de ter passado o Inverno ao ar livre.

Ariel inclinou-se para tocar na estrela com um dedo e esta iluminou-se como se estivesse ligada à corrente.

Cecille ficou perplexa:

— Mas que linda!

E quando o anjo retirou a mão, a luz apagou-se.

Cecille pediu:

— Só mais uma vez.

E o anjo voltou a fazer o mesmo: mal lhe tocou, a estrela acendeu-se e iluminou Cecille, Ariel, as paredes do celeiro e os montões de neve em redor.

Um sinal de mão foi suficiente para que Cecille compreendesse que era hora de voltar para casa e meter-se no quarto antes que alguém acordasse.

O anjo ajudou-a outra vez a ir para a cama, arrumou o trenó junto à parede e, por fim, soprou a neve e a água. Mal chegou à cama, Cecille adormeceu.

Quando mais tarde abriu os olhos, o pai e a avó estavam no quarto.

— É noite? — perguntou.

A avó umedecia-lhe os lábios com um pano molhado e o pai, ao ouvi-la, respondeu que sim envolvendo com as suas mãos as dela.

— Já sei o que se passou com a velha estrela de Natal — sussurrou Cecille.

A avó e o pai olharam um para o outro.

— A estrela de Natal? — repetiu o pai.

E Cecille afirmou:

— A estrela ficou esquecida na árvore de Natal, atrás do celeiro.

E antes de voltar a adormecer, Cecille elevou o olhar e disse à avó o mais alto e claro que pôde:

— “Não são as crianças desejadas que têm muitos nomes, mas sim as encontradas abandonadas numa escada, por exemplo. São as crianças de origem desconhecida que pairam no vazio.”

Estas palavras foram pronunciadas como se tivessem sido extraídas de um verso que ela sabia de cor.

Cecille acordou estremunhada, abriu os olhos e depois virou-se para a cadeira onde o pai estava sentado com a velha estrela de Natal.

E, sem saber bem porquê, sentiu uma grande alegria por ver que tinham acreditado nela. A estrela estava de fato nas traseiras do celeiro que Cecille visitara na noite anterior.

— Encontraram-na onde eu disse — murmurou, articulando as palavras com dificuldade.

O pai pousou a estrela sobre o edredom e perguntou baixinho:

— Como sabia que estava na árvore?

E Cecille disse com um sorriso forçado:

— Foi um anjo de Deus que me contou.

— Seja como for, a encontramos precisamente onde indicou.

— Mas só Deus consegue iluminá-la.

A mãe, a avó e o avô entraram no quarto daí a pouco. Eles deviam estar ali mesmo ao lado e entraram logo que ouviram falar no anjo.

Cecille olhou para todos. Hoje sentia-se mais lúcida do que nos últimos tempos, mas muito débil...

A mãe sentou-se numa cadeira junto à cama e os avós ficaram de pé a olhar. O único sorriso vinha da avó.

— Quer ver o Lasse? — perguntou a mãe.

Cecille fez-lhe um sinal que sim e a avó foi buscá-lo à entrada. Mas ele estava tão tímido que a avó teve de lhe dar um ligeiro empurrão.

O irmão disse:

— Olá!

— Olá, Lasse.

E perguntou, olhando para ele:

— Como vão os esquis?

— Vão bem...

Cecille tentou dizer uma graça para quebrar o silêncio:

— Oh, seu bagunceiro, tem que dar um jeito na confusão que está o seu quarto.

Todos riram com aquela graça sem sentido mas, à exceção de Cecille, ninguém sabia da visita noturna ao quarto de Lasse.

E continuou:

— O gelo está descendo pelo rio.

Todos concordaram e o silêncio voltou a reinar no quarto. As últimas palavras ficaram pairando no ouvido por muito tempo: “O gelo está descendo pelo rio.” “O gelo está descendo pelo....”

— Imagine que encontramos mesmo a velha estrela de Natal — disse a avó. — Fomos juntos ao celeiro.

“Fomos juntos ao celeiro.”

Afinal todos eles estiveram lá remexendo a neve como ela e Ariel tinham feito!

— Mas a borboleta não estava lá — disse orgulhosamente. — Foi-se embora!

A mãe levantou-se de súbito da cadeira e fez menção de dar um passo. Iria procurá-la na estante. Mas a avó deteve-a imediatamente, dizendo que se sentasse:

— Tone!

O silêncio voltou a reinar.

Cecille estranhava que, apesar de estar tão lúcida, se sentisse também sonolenta.

— Creio que vou dormir outra vez — sussurrou. — Mas desta vez só digo até já.

Um pouco mais tarde, acordou. A janela estava aberta, mas no quarto não viu ninguém.

Ariel entrou voando pela janela aberta de par em par e foi sentar-se sobre a escrivaninha. Cecille foi para o meio do quarto.

— Voltou? — perguntou.

E, em vez de lhe responder diretamente, o anjo perguntou:

— Quer voar um pouco comigo?

Cecille riu-se:

— Mas eu não sei voar.

Ariel sorriu:

— Já é altura de acabar com essas tolices. Vamos!

Cecille caminhou em direção a Ariel e saíram juntos de mãos dadas pela janela.

Primeiro passaram pelo celeiro e atravessaram aquela paisagem que se

espraiava na madrugada de um dia de Inverno com o sol prestes a romper.

— Que bom! — exclamou Cecille — Fantástico!

Voar era ainda mais fantástico do que ela imaginara. Quando sobrevoavam as copas dos pinheiros, Cecille sentia um nervoso miudinho e, ao elevar a cabeça, discerniu lugares a milhas de distância como Gardermoen, a colina de Hekseberg e os lagos Hurdal e Miosa. À distância, viu o fiorde de Oslo e ainda mais longe vislumbrou o mar.

Lá do alto, Ravnekollen parecia um torrão de açúcar em pequeno formato. Disse:

— Agora somos os corvos de Odin.

— Precisamente — respondeu o anjo Ariel. — Quando estivermos sentados na mão direita de Deus contaremos o que vimos.

E quando regressaram um pouco mais tarde, tornaram a entrar pela janela de par em par, e, à semelhança do que Ariel fizera na primeira vez, sentaram-se lado a lado no parapeito.

Então, olharam para a cama. E Cecille não estranhou ver-se deitada na cama com o cabelo claro espalhado sobre a almofada e com a estrela de Natal sobre o edredom.

— Concordo que sou bonita quando estou dormindo disse.

O anjo segurou-lhe a mão com força e olhando-a fixamente nos olhos, disse:

— Agora que está deste lado, é ainda mais bonita!

— Mas porque estou do outro lado do espelho, deixei de me ver.

E quando acabou de falar, Ariel soltou-lhe a mão e disse:

— Parece-se com uma bela borboleta que esvoaçou das mãos de Deus.

Cecille olhou pelo quarto e viu que o sol matinal projetava nesse

momento um raio estreito sobre a escrivaninha e o chão e iluminava a parte de baixo da cama onde os fios de seda do livro de notas cintilavam de tão brilhantes que eram.

FIM